

Ernesto Bozzano

*Impressionantes fenômenos de
"transfiguração"*

**Traduzido do Italiano
Dei fenomeni di trasfigurazione**



*Rafael
Transfiguração de Jesus*



Conteúdo resumido

Ernesto Bozzano dedicou uma vasta pesquisa no estudo sobre esta mediunidade de efeitos físicos (Transfiguração) através da coleta de casos ocorridos com determinados médiuns em diversos países da América e da Europa. A transfiguração consiste na mudança do aspecto do corpo do médium, o que significa imprimir em sua matéria semelhanças de fisionomia, expressão, olhar e até mesmo timbre de voz, que varia de acordo com o grau moral do espírito e também do médium.

Prefácio

"Ler um livro de Ernesto Bozzano é penetrar em um mundo desconhecido e conhecer faces novas da Doutrina dos Espíritos; é iluminar-se o leitor de conhecimentos nobres e extremamente belos, os quais vivem a cada passo em nosso derredor sem que sequer o suspeitemos. Infelizmente, porém, esse admirável analista espírita, bom, desinteressado, humilde de coração e generoso como todo iluminado a serviço da Verdade Divina, é desconhecido da maioria dos espíritas que pouco se dedicam ao conhecimento das obras doutrinárias clássicas, e fogem à pesquisa bem orientada."

"Ernesto Bozzano é um mestre eminente, uma base sólida para o prosseguimento da pesquisa, digno de ser conhecido e entendido por nós outros, que apenas vemos e sentimos os fatos, sem poder classificá-los na sua verdadeira categoria científica. A questão, longe de haver terminado, permanece aberta aos progressos dos estudos psíquicos" (trechos do artigo "Música transcendental" do Sr. Frederico Francisco, publicado no n.º de junho de 1976 do jornal "Obreiros do Bem", órgão de comunicação da Associação Espírita Obreiros do Bem, do Rio de Janeiro.)

Ernesto Bozzano, o grande Mestre da Ciência da Alma, escreveu os trabalhos constantes deste volume nos tempos áureos do Espiritismo Científico, isto é, quando se procuravam provas concretas da sobrevivência da alma e de sua comunicação com os vivos da Terra. Hoje, particularmente no Brasil, parece que se bastam as obras mediúnicas, esquecendo-se de que há ainda muita gente incrédula, os Tomás de todos os tempos. Estes querem provas e, se as sessões de efeitos físicos rareiam, temos estes admiráveis trabalhos de Bozzano que vimos traduzindo e publicando.

Isto vimos fazendo principalmente porque, depois da II Grande Guerra Mundial, travada, em grande parte, na Europa, o Espiritismo, com as Pesquisas Psíquicas, devido a ditaduras políticas e religiosas, lá desapareceu quase por completo, sendo mesmo proibido em Portugal e na Espanha, e, na Itália, terra do grande Bozzano, só pôde surgir mais tarde apenas com o nome de Metapsíquica. Tivemos, por nossa vez, um Espiritismo de catacumbas, como os primeiros cristãos.

Já na Inglaterra, por ser um país protestante e separado do continente, sem a influência católica (os perseguidos transformados em perseguidores), o Espiritismo, lá chamado de Espiritualismo por não seguir ainda a Codificação Kardecista, continuou a ser pregado e praticado, tornando-se, graças a Lorde Dowding, o Marechal do Ar, que, com os seus aviões, salvou a Inglaterra do domínio nazista, reconhecido como religião em pé de igualdade com as demais.

Como, de livros de Espiritismo Científico, só podemos ler alguns em tradução no português, a não ser que conheçamos o inglês, pois são muitos os publicados na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, certos estamos de que, traduzindo e publicando mais algumas das estupendas monografias do Grande Mestre da Ciência da Alma, estamos contribuindo muito para a manutenção dos alicerces do magnífico edifício que vem sendo construído para a elevação do Homem no planeta Terra.

Estas singelas palavras são de um velho Advogado da Sobrevivência, que nunca cobrou nem espera receber honorários de qualquer espécie. Dever cumprido, apenas.

Francisco Klors Werneck

Impressionantes fenômenos de "transfiguração"

O primeiro a tratar dos fenômenos de "transfiguração" foi Allan Kardec, que, no "Livro dos Médiuns" (cap. VI, n° 122); assim os define: "Os fenômenos de "transfiguração" consistem na mudança de aspecto do corpo de um vivo." Contudo, quase sempre a mudança de aspecto é circunscrita aos traços do rosto do médium, mudança que pode consistir em uma transfiguração do semblante, por contração e adaptação dos músculos faciais, contração determinada por uma vontade qualquer, subconsciente ou extrínseca, como pode resultar uma transfiguração do semblante, no qual já se encontre um princípio de materialização ectoplásmica sob a forma de barba, de bigodes, de "sinais", de cicatrizes, ou outros característicos, surgidos inesperadamente sobre o rosto do médium ou também de uma completa máscara sobreposta ao mesmo.

Os fenômenos de "transfiguração" existem, embora se mostrem entre os mais raros da casuística metapsíquica e, por isto, no momento, apresentam escasso valor científico, porquanto as condições em que são observados dependem muito da perspicácia e do estado de ânimo dos observadores, apresentando o flanco a legítimas dúvidas e cepticismos, ao menos na maior parte dos casos. Resulta daí que, até que se consiga fixá-las numa chapa fotográfica, não é o caso de se falar de sua investigação científica. (1) Todavia, repito que tais fenômenos existem e, como em todos os ramos do saber, a observação espontânea das manifestações que lhe

constituem o material bruto precede sempre a pesquisa sistemática das mesmas manifestações, resultando de tal forma o necessário incentivo à intervenção científica, não será inútil recolher certo número de episódios do gênero, para extrair deles algumas deduções interessantes, pois que os fenômenos em exame se prestam a esclarecer de modo notável os fenômenos correspondentes das "materializações integrais de fantasmas, independentes do organismo do médium" e assim se deveria dizer que tudo concorre para demonstrar como a "transfiguração" nada mais é que uma fase inicial da "materialização".

(1) - Depois que Bozzano escreveu esta monografia já se conseguiram tirar várias fotografias de fenômenos produzidos pela Senhora Bullock (N. T.).

Desenvolverei a seu tempo este último conceito, o qual se mostra teoricamente instrutivo.

Passando à citação dos casos, começo por narrar alguns pertencentes ao grupo das transfigurações por contração e adaptação dos músculos faciais, grupo pouco interessante, porquanto com a sugestão hipnótica seria possível obter algo de semelhante, se bem exista, na realidade, uma radical diferença entre as duas ordens de fatos.

Tiro os poucos exemplos, que me apresto a referir, de recentíssimos relatos do gênero, abandonando os de data antiga, com o intuito de atenuar, até onde possível, as legítimas dúvidas teóricas relativas a uma classe de manifestações muito dependentes da perspicácia e do estado emocional dos observadores. Para dizer a verdade, seria injusto afirmar que os observadores de setenta anos passados fossem mais impressionáveis que os atuais, mas, de qualquer maneira, existe o hábito de preferir sempre relatos de data recente e é unicamente por isto que me resolvo a suprimir os casos de data antiga.

*

CASO I - O Rev. Walter Wynn, na obra intitulada *Rupert lives* (Roberto vive), em que narra as manifestações do seu falecido filho, por meio de diversos médiuns, assim se refere a uma sessão com o médium Srta. Mac Creadie:

"Há outros espíritos em torno de vós que desejam falar convosco, continuou a Srta. Mac Creadie". De repente o médium parece mudar-se em outra pessoa e comecei a experimentar uma sensação que até esse momento jamais conhecera e que não desejo sentir de novo. Digo com toda a sinceridade, digo mesmo com certa convicção, era como se a Srta. Mac Creadie tivesse tomado a aparência de minha mãe. A cabeça inclinada, a tosse, a mão estendida para mim, tudo isto representava minha progenitora com perfeição; e ela me disse: "Meu filho! Meu filho! quero sempre ser sua mãe!"

Isto foi tão inesperado que não experimentei nenhuma emoção. Eu estava inteiramente calmo. A visão durou muito pouco tempo, depois desapareceu." (pág. 34).

Do prosseguimento da narração se infere que o Rev. Walter Wynn possui faculdade mediúnica e, assim sendo, ter-se-ia que deduzir que a desagradável sensação experimentada durante o desenvolvimento do fenômeno provinha, presumivelmente, do fato de que ele contribuía com os seus próprios fluidos para a "transfiguração" do médium em sua própria mãe.

Do ponto de vista da hipótese espírita, poder-se-ia dizer que, no episódio exposto, se tratava de um fenômeno de "possessão mediúnica", a tal ponto produzido que determinara a "transfiguração" do rosto do médium,

combinada com as atitudes mímicas habituais em vida à defunta comunicante.

*

CASO II - Tiro o seguinte episódio do livro de H. Dennis Bradley *The wisdom of the gods* (A sabedoria dos deuses). Ele teve ocasião de observar duas vezes, com o médium Sra. Scales, o fenômeno de "transfiguração" por contração e adaptação dos músculos do rosto, fenômeno que, nos limites indicadas, se mostra sobretudo freqüente nos médiuns de "possessão ou incorporação".

Escreve ele:

"Ela (Cloé, o espírito-guia, uma jovem índia) disse que "Annie" hesitava em manifestar-se de uma forma em que não se manifestara antes. Não ousava ocupar o corpo do médium e não sabia se seria capaz de controlar e utilizar-se do seu organismo. Eventualmente, foi levada a tentar a experiência. O médium caiu sentado na cadeira e nós esperamos dois minutos. A Sra. Scales é uma mulher baixa e gorda. O tom de sua pronúncia, para ser delicado, é o vulgar. Seu rosto é o que se pode dizer agradável e comum. Gradualmente, a expressão do rosto do médium se foi mudando completamente. Era uma "transfiguração". Ao passo que o semblante permanecia, os olhos e a expressão se tornavam belos. Não era uma alucinação. Minhas faculdades de observação são tão argutas ou mesmo mais argutas do que nunca, e eu devo lembrar que essa maravilhosa mudança foi vista não só por mim, mas pela Sra. Sargeant e em plena luz.

A princípio foi com grande dificuldade que as primeiras poucas palavras foram articuladas, mas gradativamente a

força aumentou consideravelmente e o espírito de minha irmã tornou-se capaz de assumir completo controle dos órgãos do médium. Era minha irmã. Era seu espírito usando o organismo de outro corpo físico e falando a mim em sua própria voz. Não me importo que os cépticos se riam disto, mas os que hão estudado os fenômenos espíritas sabem e compreenderão. Eu já lhe falara em voz independente, na presença de testemunhas célebres, em centenas de vezes. Conheço sua personalidade, conheço seu espírito. A voz de "Annie" possuía sua antiga beleza, sua tonalidade era perfeitamente enunciada da forma que lhe era peculiar quando neste planeta. Nenhuma atriz viva poderia simular essa maravilhosa personalidade. Ela conversou comigo acerca de fatos íntimos de sua vida terrena... Durante a nossa maravilhosa palestra, enquanto usava o organismo de outra pessoa, deu-me a mais íntima e excepcional prova da sobrevivência. Nome após nome, fato após fato, foram mencionados: minha esposa, Pat, Dennis, tudo. Havia uma grande tragédia em sua vida, citada de forma velada em *Towards the stars*. Essa tragédia, cujos detalhes nunca foram publicados e que são apenas conhecidos de duas ou três pessoas vivas, foi por ela referida... Na manhã seguinte, telefonei à Sra. Sargeant a fim de fazer-lhe uma pergunta que esquecera. Pedi-lhe para descrever a voz que ela passara a ouvir desde que minha irmã se incorporara no médium. Isto fiz para afastar qualquer possível dúvida quanto ao tom ter sido produzido pela minha imaginação. A Sra. Sargeant disse, descrevendo a voz da minha irmã, que o seu falar era lento e a enunciação das palavras excepcionalmente suave e clara. Essa era a voz característica de "Annie" quando na Terra." obra citada, págs. 120-123).

No episódio exposto, a "transfiguração" do rosto se mostra menos desenvolvida que no caso precedente, limitando-se a uma transformação da expressão animada de um semblante, mas em compensação há a transformação da tonalidade vocal, com perfeita reprodução da voz de uma defunta, transformação que representa um notabilíssimo fenômeno em demonstração da realidade da incorporação mediúnica ocorrida. E, como uma laringe não pode mudar de tom sem ter experimentado uma correspondente contração muscular de adaptação, dever-se-á reconhecer que, no caso em apreço, a "transfiguração" se verificou de modo especial sobre a laringe do médium. Observo a tal respeito que, na hipótese de um real fenômeno de possessão mediúnica, dever-se-ia presumir que tais processos de transformação temporária dos órgãos dos médiuns nos órgãos homólogos do defunto comunicante são obra de um despertar automático daquela misteriosa "força organizadora" que plasma os seres vivos, "força organizadora" que, sendo uma faculdade do espírito, sobreviveria à morte do corpo e, em consequência, operaria nos casos análogos aos expostos, determinando os fenômenos de transfiguração dos órgãos e dos membros dos médiuns, sem que necessário fosse pressupor uma ação direta, intencional, dos defuntos comunicantes. Ao mesmo tempo, os automatismos de tal natureza, reprodutores da voz ou do rosto de um defunto, implicariam e demonstrariam a realidade do fenômeno da possessão ou incorporação temporária, no médium, do espírito que se diz presente.

*

CASO III - Tomo este episódio à "Light" (1921, pág. 719), e quem o narra é o Dr. Ellis Powell, personalidade bastante conhecida no campo das investigações metapsíquicas. Escreve ele:

"Há algumas semanas achava-me em Preston, e tive ocasião de entrar em relação com a personalidade mediúnica do "doutor Bancroft", a qual se manifesta por intermédio do médium H. B. Tyler, de Preston, e a forma por que se manifesta é o "transe" do médium, com transfiguração completa do rosto.

O doutor Bancroft informou ter sido médico de grande clientela e falecido no ano de 1837. Forneceu detalhes sobre sua própria carreira terrena, os quais foram reconhecidos verdadeiros, compulsando-se publicações médicas do período indicado. Havia quatro pessoas presentes além do médium: minha mulher, minha irmã, minha mãe e eu. Não se fizeram preparativos especiais. Sentamo-nos em semicírculo em torno do médium, sem abaixar as persianas, de modo que o sol dardejava no quarto.

Depois de cerca de dez minutos de uma conversação de ordem geral, o médium deu sinais de passar ao estado de "transe" e com isto assistimos a um fenómeno estupefaciente: no espaço de três ou quatro minutos seu rosto se transformou a tal ponto que, se não houvesse assistido por inteiro ao processo de transfiguração, observando-a de perto e em plena luz, não o teria mais reconhecido pelo mesmo indivíduo. Ocorrido isto, o doutor Bancroft beijou as mãos das três senhoras com estudada cortesia do século décimo oitavo, e logo depois iniciou o seu trabalho de médico consultado. Tive o cuidado de nada dizer acerca dos sintomas de minha moléstia e da sua presumida natureza,

pois que ele próprio descreveria tudo, e com isso me poria em situação de poder julgar se estava ou não plenamente informado a respeito. Tomou-me uma das mãos por alguns instantes, e logo começou a descrever, de modo exatíssimo, estupefaciente, os sintomas do meu mal, que me mantinham sob viva preocupação. Depois me dirigiu perguntas, as quais subentendiam conhecimento a meu respeito que ninguém no mundo podia saber. Em seguida, assegurou-me que em mim não existiam moléstias orgânicas, mas que se tratava de uma desordem funcional acentuada, que descreveu em termos de fisiologia. Depois ditou as prescrições. Tal consulta de alémtúmulo não foi só grandemente benéfica a minha saúde, mas revelou-se extremamente interessante como exemplo magnífico da capacidade de um "espírito-curador" para diagnosticar e descrever não só o significado preciso dos sintomas de um mal, mas as causas originárias dos próprios sintomas, sem a mínima indicação da parte do consulente..."

Na narrativa acima não se encontram indicações que autorizem a presumir que a transfiguração ocorrida fosse algo mais que uma simples transformação do rosto do médium, por contração e adaptação dos músculos faciais. Não obstante deve-se admitir que, se não houve manipulação ectoplásmica do rosto, o fenômeno de contração e adaptação muscular atinge, no caso em apreço, a máxima eficiência realizável com meios de tal natureza, visto que o narrador declara que, se não tivesse assistido por inteiro ao processo de transformação, não teria mais reconhecido o médium no personagem que se achava diante de si.

Noto que também neste caso sobressaem particularidades de identificação pessoal da entidade comunicante, embora se não os possa reputar suficientes, mas já se compreende que,

à distância de um século, não é possível identificar de maneira adequada a personalidade de um defunto que viveu modesta e obscuramente. Não é este, porém, o tema do presente trabalho, pelo que limitar-me-ei a repetir que o caso em apreço é um bom exemplo de transfiguração, em que se pode supor atingidos os limites extremos da deformabilidade realizável mediante o muito simples auxílio da contração e adaptação dos músculos faciais.

*

CASO IV - Passando a referir exemplos de "transfiguração" com indícios de concretização ectoplásmica, não posso deixar de aludir aos famosos alongamentos do corpo de Daniel Dunglas Home; antes de tudo porque tais alongamentos constituem já um princípio de manipulação ectoplásmica do corpo do médium, depois porque, durante alguns destes alongamentos, sucedia observar-se a transfiguração mais ou menos ectoplásmica do seu rosto. Limito-me a narrar, a propósito, dois breves episódios, que extraio de um longo estudo publicado no vol. IV do "Journal of the Society of Psychical Research". (Julho 1889, págs. 101-136). Escreve o General Boldero:

"Em poucos minutos Daniel Dunglas Home caiu em profundo "transe". Levantou-se e passeou em volta durante breves instantes; depois veio a mim, tomando-me pela mão, e aludindo a si próprio na terceira pessoa, disse: "Deverás observar os pés de Dan (Home) e verificar que ele não se move do chão, e dirás aos outros que observem atentamente sua cabeça." Assim fiz, enquanto ao mesmo tempo se assistia ao espetáculo do seu corpo alongar-se até atingir a um

comprimento maior de nove polegadas ou um pé. Quis abaixar-me e controlar-lhe os calcanhares, que pousavam regularmente no soalho. A luz de um bico de gás iluminava em cheio a sua pessoa. Era um espetáculo extraordinário. O médium murmurou: "Agora aproxima-te mais." Ele permanecia sempre com a estatura aumentada de um pé. Tomou minhas mãos, levou-as aos dois lados do próprio corpo, um pouco acima dos quadris, onde encontrei um vácuo correspondente entre o cóis das calças e a barriga. Assim continuou: "Palpa Dan, a fim de que fiques plenamente satisfeito." Pousei as mãos sobre seus flancos e senti que as suas carnes se contraíam. Fitei Home: voltara à estatura normal! Mas logo renovou a prova: novamente seu corpo se alongou, e senti suas carnes se distenderem sob minhas mãos, para depois se contraírem novamente, apenas retomada por ele a estatura normal. Vê-lo alongar-se e diminuir-se daquela forma, com os pés sempre imóveis no chão, era um espetáculo estupefaciente...". (Op. cit., págs. 125-126).

Este outro é um fenômeno de alongamento com transfiguração ectoplásmica do rosto. Relata o Sr. Hawking Simpson:

No ano de 1868 eu quis investigar os fenômenos que se produziam com a mediunidade de Daniel Dunglas Home... Em uma sessão realizada sob boa luz, tive oportunidade de controlar o fenômeno do alongamento e contração do seu corpo; e isto repetidas vezes e em rápida sucessão, no centro do quarto. Daniel Dunglas Home estava em "transe", mas falava sem interrupção. Pus-me diante dele, introduzindo os meus pés sob a ponta de seus pés; vale dizer que ele estava com os calcanhares no soalho e os próprios pés sobre o peito

dos meus. Depois coloquei sobre as nossas cabeças um grande caderno de música e entreguei-me à observação do seu rosto; ao mesmo tempo Lorde Crawford (depois Lorde Lindsay) apalpava-lhe os músculos e as pernas, vigiando atentamente a barriga do médium, que se elevava lentamente duas três polegadas acima da cintura para, após, voltar ao primitivo tamanho. Depois trocamos de incumbência e eu encarreguei-me de vigiar os músculos, as pernas e as vestes do médium, porém mais estupefacientes ainda se mostraram as transformações do rosto, o qual alternadamente se fazia mais largo e longo e em seguida muito menor; enfim, voltava às dimensões normais. No primeiro caso seu rosto parecia aumentar e adquirir gradativamente volume em cada uma de suas partes; depois também gradativamente se reduzia, tornando-se cada vez menor, e os seus traços diminuía, caso em que a pele do rosto ficava profundamente contraída e flácida. Depois disso foi levitado e vimo-lo oscilar no ar como um pêndulo, assim se transportando até o divã. Ninguém se lhe achava próximo. Quando desceu sobre o divã, despertou bruscamente e correu ao jardim onde foi acometido de vômitos. Enquanto se produziam os fenômenos falou sempre na terceira pessoa, como se tivessem estado presentes diversas entidades espirituais que o dirigissem. Com efeito, elas assim se exprimiam: "Agora faremos isto e aquilo outro com Dan... etc., etc..." (Op. cit., págs. 123-124).

Tendo em vista este último episódio, não padece dúvida de que, no caso de Daniel Dunglas Home, não se tratava de transfiguração por contração e adaptação dos músculos faciais, mas de um verdadeiro e adequado processo de concentração ou manipulação ou materialização

ectoplásmica, o que é sobretudo demonstrado pela importante particularidade da pele do rosto do médium, nos processos de diminuição do mesmo rosto, se mostrar profundamente contraída e flácida, indício certo de subtração de substância ectoplásmica, em quantidade considerável, das tecidos do rosto do médium.

Do ponto de vista do significado teórico do fenômeno de transfiguração, nota-se uma radical diferença entre as modalidades com que ele se produzia com Daniel Dunglas Home e as com que se produz quase sempre com os outros médiuns, isto é, ao passo que, com estes últimos, se observa quase constantemente que a transfiguração implica uma tentativa mais ou menos bem sucedida de representar o rosto de um defunta que se diz presente, no caso de Home, ao contrário, é claro que as personalidades mediúnicas operantes se propunham exclusivamente transformar o rosto do médium, variando-lhe as dimensões, ora aumentando-as, ora reduzindo-as notavelmente, e isto em correspondência com o outro fenômeno simultaneamente operado do alongamento e redução do seu corpo.

*

CASO V - Tiro-o dos "Annales des Sciences Psychiques" (1906, págs. 34-37), e quem o relata é o Dr. Joseph Maxwell, nome assaz conhecido no campo das investigações psíquicas. O diretor da revista, Sr. Cesare de Vesme, esclarece: "O caso foi comunicado ao Dr. Maxwell por um eminente magistrado seu colega, que não deseja seja revelado seu nome; todavia, se houver investigadores sérios que desejem conhecer os nomes dos dois percipientes, bem

como o da cidade em que se produziu o fenômeno, o Dr. Maxwell tudo revelará interessados."

Esta a narrativa do protagonista:

"Meu pai era doutor em medicina e sempre exerceu a profissão numa vila do sul da França. Nasceu em 1812; casara-se em 1843 e, a partir dessa data, habitara na mesma casa até a morte, ocorrida em julho de 1903.

Aos primeiros dias de janeiro de 1903, meu pai foi assaltado pelos sintomas da moléstia que, seis meses depois, devia levá-lo ao túmulo. Cerca de dois meses antes da sua morte, eu me encontrava no seu quarto às oito e meia da noite. Ele dormia na sua poltrona ao lado da chaminé e eu me sentara diante dele, vigiando-lhe o sono.

Estávamos sós, e não tardei a perceber que sua fisionomia ia gradativamente assumindo um aspecto que não era mais o seu, até que chegou um momento em que verifiquei, positivamente, que seu rosto se transformara no de minha mãe. Dir-se-ia que sobre o rosto de meu pai se colocara a máscara de minha mãe. Note-se que, desde muito tempo, faltavam inteiramente ao meu pai os supercílios; mas naquele momento, acima de seus olhos fechados, se desenharam as vastas sobrancelhas negríssimas que minha mãe conservara até os últimos dias de vida. As pálpebras, o nariz e a boca se haviam tornado os de minha mãe. Não obstante, seu rosto parecia consideravelmente maior, mas devo observar a respeito que, no período pré-agônico, o rosto de minha mãe se hipertrofiara notavelmente, até atingir aproximadamente as proporções assumidas pela efígie que aparecia diante de ruim. Observo, além disso, que a própria efígie reproduzia mais fielmente o semblante dela do que o poderia ter feito se acaso houvesse reproduzido o seu rosto

alterado pela moléstia. Meu pai usava os bigodes e a barba em ponta muito curta. Barba e bigodes permaneceram; mas, contrariamente ao que se poderia supor, contribuíam eficazmente para completar os traços maternos. A aparição manteve-se intacta por dez ou doze minutos; depois, lentamente se dissipou e meu pai retomou os traços normais. Cinco minutos depois despertou, e eu perguntei-lhe se sonhara porventura com sua esposa; respondeu negativamente.

Durante a manifestação do fenômeno eu fiquei imóvel, a observar o espetáculo que se me deparava, abstendo-me de estender a mão para tocar a aparição, e isto por temer que se dissipasse. Com efeito, meu pai contara ter visto minha mãe várias vezes e ter sempre se arrependido por ceder ao impulso instintivo que o impelia a abraçá-la, ato que determinara sempre a desapareção instantânea do fantasma.

Eu provavelmente teria atribuído importância muito relativa à aparição por mim observada, pois que me teria facilmente convencido de haver sido vítima de uma alucinação, mas houve isto: não fui o único a vê-la. Durante a aparição, a criada de meu pai - uma moça de 31 anos - à qual minha mãe, no leito de morte, recomendara velar por meu pai, entrara no quarto e eu me limitara a dizer-lhe: "Joana, olha meu pai adormecido!" - Ela exclamou: "Oh! Como se assemelha à pobre senhora! Estupefaciente! Extraordinário!" Logo, não era eu vítima de uma alucinação, pois que se Joana viu e reconheceu a aparição é sinal de que a mesma era objetiva. Resulta daí que a natureza coletiva da visão ocorrida, tendo-me dado certeza sobre a realidade da mesma visão, fez com que eu ficasse profundamente impressionado e, se vivesse cem anos, jamais a esqueceria.

Em seguida, perguntei a mim mesmo se teria sido o rosto de meu pai que se transformara a ponto de tomar os traços de minha mãe, ou se, ao contrário, uma máscara do rosto de minha mãe se teria sobreposto ao semblante paterno. O que me faz pender para esta última hipótese é a particularidade dos vastos supercílios maternos que eu percebi nitidamente nos traços da aparição. Ora, se se pode admitir que o semblante de um marido, após uma longa coabitação, possa algumas vezes assemelhar-se ao da mulher (o que no caso de meu pai estava longe de se ter dado), não parece possível admitir-se que os supercílios de um surjam sobre o semblante do outro que era totalmente privado de supercílios. Devo não obstante acrescentar que o fenômeno por mim observado não desapareceu subitamente, isto é, pareceu-me que o rosto de meu pai retomava gradativamente, por pequenas zonas, o seu aspecto normal."

A criada Joana B. fez a seguinte declaração:

"Recordo-me perfeitamente de que, cerca de dois meses antes da morte de vosso pai, eu subi ao seu quarto e vos encontrei com ele. Vós me dissestes: "Joana, olha meu pai adormecido!" - E eu logo exclamei: "Oh! como se assemelha à pobre senhora!" É estupefaciente! É uma coisa extraordinária!" - Confirmo que vosso pai, no curso da sua última enfermidade, repetiu-me muitas vezes ter visto em várias ocasiões a aparição de sua esposa, acrescentando ter-se arrependido de haver estendido as mãos para atraí-la a si, pois que, assim agindo, provocara sempre a sua instantânea desapareção." (Assinado: Joana B., esposa de R.).

O caso exposto é de natureza espontânea e não experimental ou mediúnica e, como se viu, realizou-se à aproximação da morte do protagonista, o qual tivera,

precedentemente, várias visões do fantasma daquela que chegou a materializar a própria efígie, transfigurando o seu rosto, circunstâncias estas todas a que não falta valor sugestivo, tendo em vista o fato de que os casos de "aparição de defuntos no leito de morte" são relativamente comuns e que entre eles são relativamente freqüentes os casos percebidos coletivamente ou sucessivamente por várias pessoas, circunstância que confere certeza a respeito da sua objetividade. Daí resultaria que o caso em apreço poderia ser classificado como um episódio de "aparições reiteradas de uma defunta no leito de morte do marido", com o acréscimo de uma manifestação física complementar, sob forma de transfiguração do rosto do enfermo e isto, presumivelmente, com o objetivo de fazer-se notar também pelo filho.

Do ponto de vista probatório é de notar no caso em apreço a feliz circunstância de ter sido visto o fenômeno de transfiguração coletivamente por duas testemunhas, e como a criada Joana não percebera a efígie da defunta logo ao entrar no quarto, circunstância que exclui a existência nela de estados passionais predisponentes de alucinação por influência de circunstâncias, deve-se reconhecer que a objetividade do fenômeno se mostra desta vez provada de maneira cientificamente adequada.

Sob um outro ponto de vista, manifesto é que o fenômeno de "transfiguração" não poderia ser esclarecido com a hipótese por demais simplista da contração e adaptação dos músculos faciais. Serve especialmente para demonstrá-lo o fenômeno dos "nigérrimos supercílios maternos" aparecerem sobre a cara do enfermo, desprovido de sobrancelhas. Deve-se, portanto, concluir que se está em presença de um caso de transfiguração com notáveis

rudimentos de materialização, e, adaptação de substância ectoplásmica ao rosto do indivíduo.

Com relação à observação do narrador, segundo a qual o fenômeno não se tendo dissipado repentinamente e havendo o rosto paterno retomado gradativamente sua própria expressão, significando isso o que os fatos não pareciam conciliar-se com a hipótese de uma máscara ectoplásmica sobreposta ao rosto paterno, noto que os fatos poderiam, ao contrário, conciliar-se muito bem com tal hipótese, com a condição única de se não tomar ao pé da letra as palavras com que se definiu a hipótese; vale dizer que não se deveria pensar na existência de uma máscara móvel de ectoplasma colocada sobre a cara do paciente, mas certamente na existência de uma substância ectoplásmica distribuída e integrada, por pequenas zonas, nos tecidos do seu rosto, isto é, nos pontos em que os traços fisionômicos deveriam ser modificados, caso este em que nada impediria de se presumir que a máscara ectoplásmica pudesse dissipar-se gradualmente, zona por zona.

Como quer que seja, preciso é considerar que tudo concorre para demonstrar que o fenômeno de transfiguração ectoplásmica se mostra quase sempre combinado com as outras modalidades de manifestação do mesmo fenômeno no sentido de que, para completar a concretização da máscara ectoplásmica, tanto podem contribuir o fenômeno da contração e adaptação dos músculos faciais, quanto o outro fenômeno da subtração de substância viva aos tecidos do rosto e isto com o escopo de reduzir-lhe ou remodelar-lhe alguns traços, adaptando-o de tal forma à máscara do defunto que se deseja representar.

Ter-se-ia, portanto, de concluir que, nos casos de completa transfiguração do rosto de um vivo, concorrem todas as modalidades de manifestação que o fenômeno comporta, modalidades combinadas harmonicamente umas com as outras, por uma vontade operante - subconsciente ou extrínseca - servida automaticamente por aquela mesma misteriosíssima "força organizadora" que preside, na natureza, a organização dos seres vivos.

*

CASOS VI e VII - A condessa Helena Mainardi, nome fartamente conhecido pelos cultores de investigações psíquicas de quarenta anos passados, era um poderoso médium. Ela enviou ao "Congresso Espiritualista de Londres", do mês de junho de 1898, uma longa relação dos fenômenos obtidos em seu próprio círculo familiar, com sua mediunidade combinada com a da baronesa Rosenkrantz, também muito notável médium, círculo em que eram freqüentes os casos de "transfiguração". O relato em apreço foi publicado integralmente pela "Light", da qual faço o seguinte extrato (1898, pág. 471).

A condessa Mainardi escreve o que se segue:

"Numa noite de inverno do ano de 1898, obtivemos fenômenos muito interessantes. Achavam-se presentes a baronesa Rosenkrantz; o General Gugiani, com sua esposa; o Dr. Visam Scozzi, meu marido e eu. Uma lâmpada vermelha, colocada sobre a mesa, iluminava nossos rostos.

A baronesa Rosenkrantz estava de pé, atrás da minha cadeira, fazendo "passes magnéticos" sobre minha cabeça e

ombros, quando, de repente, meu esposo, que estava sentado defronte, exclamou:

"Não vejo mais minha mulher!" Por sua vez o General Gugiani observou: "Dir-se-ia que a condessa desapareceu." O Dr. Visani Scozzi declarou que também não me via, mas que percebia no meu lugar uma coluna de substância escura. Eu ouvia perfeitamente suas exclamações, porém, por mais que tentasse, não lograva articular uma palavra, embora não houvesse deixado um só momento de ver os assistentes, os quais continuavam discutindo acaloradamente o fenômeno da minha desapareição, quando repentinamente me viram reaparecer, mas com o rosto de outra pessoa. Meu marido exclamou assustado: "Oh! esta não é minha senhora!" A baronesa Rosenkrantz inclinou-se para mim, olhou-me fixamente de perto e disse: "Reconheço as feições de Helena Blavatsky!"

Pouco depois a máscara da Blavatsky desapareceu e tornei a ser eu mesma, reconhecida como tal por todas os assistentes, com grande satisfação.

Eis, porém, que, por seu turno, a baronesa Rosenkrantz é envolvida em um influxo mediúnico e, sentando-se junto de mim, exclama: "Olha com atenção o meu rosto!" Transcorridos uns breves instantes, vimos transformar-se o seu semblante, que se tornou muito jovem, ao passo que a baronesa é um tanto entrada em anos. Acreditei por um momento ser vítima de uma alucinação, pelo que me dirigi ao Dr. Visani Scozzi, perguntando lhe o que estava vendo. Vi que tinha ficado imóvel como uma estátua, com os seus grandes olhos cravados sobre a manifestação e com uma expressão de estupor indescritível! Respondeu-me: "Este é o

rosto de uma jovem a quem eu conheci intimamente há vinte anos."

Tais são os episódios de "transfiguração" relatados pela condessa Mainardi.

Do ponto de vista da fidelidade da narrativa, o nome do Dr. Visani Scozzi, autor de um livro clássico sobre a mediunidade, e a quem foi apresentado o relato antes de ser enviado ao seu destino, constitui um ótimo testemunho a respeito.

Do ponto de vista da realidade objetiva das transfigurações observadas, destaca-se a circunstância de sua natureza coletiva, a cujo respeito convém insistir sobre o fato de que foram cinco os experimentadores que observaram, coletivamente, os mesmos rostos nas transfigurações ocorridas.

Faço notar que, na produção do primeiro episódio, sobressai o detalhe pouco comum da ocultação do médium dentro de uma nuvem de ectoplasma, o que presumivelmente deve ser atribuído à poderosa mediunidade de efeitos físicos da condessa Mainardi, potencialidade que permitiu uma emissão abundante de substância ectoplásmica que logo se concretizou na máscara da transfiguração.

Observo, por último, que, em ambos os episódios, os rostos que se materializaram foram identificados e o caso do Dr. Visani Scozzi, que reconheceu no semblante da jovem, que se manifestou, o de uma jovem senhora que conhecera vinte anos antes, é um caso bastante notável no seu gênero, porquanto a baronesa Rosenkrantz, que ele conhecera em casa da família Mainardi, sem dúvida alguma ignorava por completo a existência da jovem dama que se havia materializado por transfiguração do seu próprio rosto. Deve-

se, sem embargo, reconhecer que o relato dos fatos deveria comportar maior abundância de detalhes, se bem que é mister admitir que um relatório mais extenso não era possível exigir em um sumário relato de numerosas experiências, como era o que a condessa Mainardi remetera ao "Congresso Espiritualista" de Londres.

*

CASO VIII - Alexandre Aksakof, no seu livro "Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium" (pág. 211), conta o seguinte caso, extraído de um artigo da Srta. Killingsbury, publicado em "The Spiritualist", de 22-10-1876:

"A Sra. Crocker, médium particular de Chicago, contou-me que há alguns meses, sob a direção de seu "guia" espiritual, iniciou uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase de sua mediunidade, as quais se realizaram no seu círculo familiar. Uma noite, à luz das velas que ardiam no recinto e ao clarão da lua, sofreu uma transformação do seu rosto, que mudou de tamanho, forma e natureza, brotando depois sobre ele uma barba negra e abundante. Todos os assistentes viram a mesma transformação e o primo do médium, que estava sentado junto ao mesmo exclamou: "É o rosto de meu pai!" - Desaparecida a manifestação, confirmou que se tratava da efígie perfeita do rosto paterno. Pouco depois, o médium se transformou em uma velhinha de cabelos brancos. Todas estas metamorfoses se realizavam sob os olhares dos presentes, que não deixaram de as observar um instante.

Ela afirma que conservou sempre a consciência de si mesma, mas que havia experimentado uma sensação muito viva de formigamento e comichão em todo o corpo, tal como se estivesse apertando com as mãos os dois pólos de uma forte bateria elétrica . . . "

Esta alusão final do médium, que disse experimentar uma viva sensação de formigamento e comichão em todo o corpo, reveste grande importância do ponto de vista probatório, uma vez que bom número de médiuns de efeitos físicos acusa justamente a mesma sensação, quer antes, quer durante a manifestação dos fenômenos. A Sra. D'Esperance aludia muitas vezes a essa sensação, que é como um prenúncio dos fenômenos, e com Eusápia era habitual a mesma sensação. Quando durante as nossas experiências de três anos, em Gênova, com o Prof. Morselli, ouvíamos o médium acusar a sensação de comichão em todo o corpo, ficávamos na expectativa, pois sabíamos, por prática adquirida, que era o prelúdio da produção dos fenômenos. Repito, portanto, que do ponto de vista probatório, essa espécie de detalhes secundários adquire não pouca importância em favor da legitimidade dos fatos, pois eles pertencem a um gênero que um médium fraudulento, como também um narrador infiel, não pensam em assinalar. E bem-vindas sejam estas observações no que concerne ao episódio exposto, em que o relato de "segunda mão" e a falta de detalhes não podem satisfazer do ponto de vista probatório. E, como já vimos, o caso por si só seria por demais interessante devido aos incidentes da barba e dos cabelos brancos que apareceram sobre o rosto e a cabeça de uma jovem senhora.

A estas observações em favor da legitimidade dos fatos, Alexandre Aksakof acrescenta o seguinte:

"Um argumento de peso em favor da legitimidade de tais manifestações consiste na consideração de que não só não se mostram contraditórias com o princípio de acordo com o qual se produzem os fenômenos de materialização, como constituem, ao contrário, uma espécie de fase inicial transitória, prestes a transformar-se em outra, sob a ação de uma força organizadora ignorada (pág. 219)."

*

CASO IX - No livro autobiográfico do médium Sra. Russell Davies: *The Clairvoyance of Bessie Williams* (A Clarividência de Bessie Williams), publicado a conselho de grande amiga Sra. Florence Marryat, lê-se, entre outras coisas, que o referido médium possuía a pouco invejável faculdade de provocar fenômenos de assombramento cada vez que permanecia em alguma casa onde tivesse ocorrido, no passado, cenas de sangue.

Sucedeu que, tendo o médium adquirido uma casa de verão, onde se alojara com a sua família, não tardaram a manifestar-se fenômenos de assombramento muito importunos como sejam: ruídos insistentes de passos pesados, que deambulavam pela casa, de lutas e de combates violentos, seguidos de quedas de corpos ao solo. Certa noite produziu-se um fenômeno impressionante de transfiguração do rosto da Sra. Russell Davies, descrevendo-a seu esposo nos seguintes termos:

"Estava eu sentado à mesa da sala de jantar e minha senhora diante de mim, com o menino nos braços. De

repente ela exclamou: "Sinto como se me tivessem ferido em um braço. Oh! que dor!" Fiz-lhe observar: "Minha querida, são dores reumáticas." Como não replicasse, olhei para aquele lado e notei que a sua fisionomia se havia transformado horivelmente e ficado embrutecida, adquirindo uma expressão de diabólica perversidade. Em lugar de minha esposa, sempre afável e sorridente, se achava diante de mim um velho repugnante, de fronte proeminente, cujos olhos de abutre se esquivaram ao meu olhar, com intenções furtivas que quase me faziam desmaiar de terror. Eu havia ouvido falar em fenômenos de "transfiguração", porém jamais assistira ao desenvolvimento dos mesmos. Levantei-me apressadamente para acudir em auxílio do menino. O braço de minha esposa o foi deixando lentamente nos meus, ao mesmo tempo que a sua outra mão se estendia sinistramente para uma faca que estava sobre a mesa e que eu me apressei a pôr fora do seu alcance. Pouco depois minha senhora suspirou profundamente, e, com grande regozijo para mim, vi que o seu rosto voltava ao estado normal..."

Averiguou-se, logo depois, que alguns séculos antes, aquela casa fora uma hospedaria, cujo dono, quando se lhe mostrava propícia a ocasião, assassinava os hóspedes para roubá-los. Naturalmente, depois do referido fenômeno de "transfiguração"; os Russell Davies apressaram-se em abandonar a casa.

Também neste episódio, como em outros já relatados, dever-se-ia admitir que o fenômeno de "transfiguração" do rosto do médium no de um "velho repugnante, de fronte proeminente e com olhos de abutre", teve origem na combinação das diversas modalidades de produção que os

mesmos fenômenos comportam: contração e adaptação dos músculos faciais, distribuição de ectoplasma ou subtração de substâncias vivas nas zonas a serem modificadas no rosto do médium.

Do ponto de vista da hipótese espírita, mostrar-se-ia sugestiva e instrutiva a causa determinante do fenômeno de "transfiguração", que se realizara pelo fato de encontrar-se o médium em um ambiente onde outrora haviam ocorrido vários crimes, ambiente que se tornou assombrado tão-somente devido à presença de uma "sensitiva" que, mediante seus "fluidos" exteriorizáveis, tornara possível a produção dos usuais fenômenos de assombramento, isto é, tornara possível a manifestação aos vivos, na forma que se mostrara realizável, dos protagonistas dos dramas que se verificaram em um determinado ambiente.

*

CASOS X e XI - No n.º de julho de 1930 da revista inglesa *The Occult Review*, o Sr. R. M. Sidgwick relata uma série de experiências obtidas em seu círculo familiar, com sua própria mediunidade combinada com a de uma senhora a quem denomina Sra. A.

Entre outros cita dois casos de "transfiguração alternante", nos quais se materializou duas vezes a efígie do seu avô; a primeira vez, com a mediunidade da Sra. A. e a segunda, com a sua própria mediunidade.

Eis quanto é pelo mesmo relatado:

"Numa tarde de inverno, fui visitar a Sra. A., que possui mui notáveis faculdades mediúnicas. Encontrei-a sentada junto ao fogão, onde ardiam alguns carvões, porém sem

chama, irradiando em torno uma forte luz vermelha. A luz do dia havia desaparecido quase completamente, deixando o quarto em plena obscuridade, salvo um amplo círculo em volta do fogão.

A Sra. A. se achava muito perto do fogo, de maneira que seu rosto aparecia vivamente iluminado. Conversamos durante um bom pedaço de tempo; logo fizemos uma pausa que se prolongou durante dois ou três minutos, após o que lhe fiz uma pergunta, sem obter resposta. Ao mesmo tempo notei que a minha amiga respirava ruidosamente e, olhando-a fixamente no rosto, verifiquei que sua fisionomia, assim como a sua respiração, não davam mostras de achar-se em um estado de sonolência normal. Fiquei, pois, à espera de alguma manifestação e tal como ocorre com freqüência em nossas experiências a manifestação teve lugar; mas, por certo, mais distinta do que eu podia esperar. Enquanto eu vigiava atentamente a médium, percebi que o seu semblante ia lenta, mas positivamente se transformando. O oval do rosto, as linhas, os traços da fisionomia já não eram os mesmos tão familiares para mim. Logo se produziu improvisadamente a transformação final, desaparecendo também o nariz aquilino da Sra. A., vendo-me eu diante de um rosto de homem. Com indescritível assombro reconheci nessa cara a reprodução perfeita do meu avô. Fiquei a tal ponto impressionado que deixei escapar um grito de estupor, o que determinou a instantânea desapareção do fenômeno e diante de mim ficou a Sra. A., já desperta, a qual se apressou a pedir-me desculpa por haver dormido, incorrendo em uma falta de atenção.

Nada lhe disse de quanto havia ocorrido, pois eu esperava que esse fenômeno teria ulteriores

desenvolvimentos e sabia por experiência que as manifestações adquiriam maior valor teórico quando o médium ignorava os antecedentes... Transcorreu algum tempo, e outra vez se produziu o inesperado...que, provavelmente, se realizou por ter-se reproduzido casualmente uma idêntica situação de ambiente. Com efeito, eu de novo me achava sentado ao lado da Sra. A., na sala de jantar, junto do fogão, onde ardiam vivamente, mas sem chamas, alguns tições, que irradiavam em torno uma brilhante luz vermelha. Achava-se então também presente a filha da Sra. A. Não tardou que eu notasse não serem as condições de ambiente inteiramente normais, sentindo um gelado sopro de ar que, baixando do teto, me envolvia a cabeça. Esta última circunstância, unida às demais sensações subjetivas me induziram a vigiar atentamente o que estaria ocorrendo com relação à Sra. A.; reparei, porém, que por sua vez ela me fitava com uma expressão de grande assombro.

Transcorrido algum tempo ela falou por fim, explicando que, alguns momentos antes, meu rosto havia desaparecido debaixo da máscara de outro rosto muito mais velho, de olhos claros e pele corada, com uma massa compacta de cabelos branquíssimos. Ao mesmo tempo, tivera a impressão subjetiva de que era meu avô que se manifestava. Sua filha, que estava sentada atrás de mim, nada havia visto, naturalmente, de tal transfiguração, mas ficara alguns momentos perplexa ao ver uma espécie de emanção de luz lunar em torno da minha cabeça. O que mais me surpreendeu em tudo isto foi o fato de a Sra. A. nada saber, em absoluto, a respeito de meu avô, apesar do que me descreveu com muitíssima fidelidade. Era, pois, inegável que lhe percebera a imagem.

Estendi-me mais do que costumo fazer na descrição destas duas manifestações, não só porque pertencem a uma categoria bem mais rara e interessante, como também porque, no meu entender, das mesmas sobressai manifestamente o deliberado propósito de proporcionar-me a tão desejada prova da sobrevivência do espírito humano. Da primeira vez fui testemunha do fenômeno; da segunda, porém, o foi a Sra. A. e isto quer dizer que houve dois testemunhos independentes, que assistiram ao mesmo fenômeno, com a formação do mesmo rosto de defunto, o que reforça notavelmente a prova exigida acerca da realidade objetiva do fenômeno em referência."

Tais são as conclusões do relator e protagonista dos fatos e o significado probatório, que decorre da observação coletiva do mesmo fenômeno, é, desta vez, eficientemente reforçado pela circunstância, quiçá única, da sucessiva manifestação do mesmo defunto mediante a transfiguração dos rostos de dois médiuns.

Do ponto de vista da interpretação espírita dos fatos, mostra-se sem dúvida notável a primeira manifestação do defunto por um médium que jamais o conhecera e que ignorava o seu semblante: circunstâncias de fato estas que induzem a concluir que o fenômeno da transfiguração do rosto da mesma no da entidade não poderia, desta vez, atribuir-se às "faculdades modeladoras" da subconsciência.

Neste ponto parece indispensável que eu me detenha em examinar o assunto nos limites que circunscrevem os denominados "poderes criadores" da subconsciência humana e isto com o fim de eliminar algumas opiniões errôneas a propósito, as quais não são apenas compartilhadas por nossos opositores, mas, sob certos aspectos, também pelos

propugnadores da hipótese espírita. Entre estes últimos há, de fato, quem admite que os "espíritos dos defuntos" estão em condição de tomar a "forma fluídica" ou a "forma materializada", animada e inteligente, de outro defunto, mistificando de tal forma os vivos, enquanto os opositores sustentam que o subconsciente do médium é capacíssimo de criar fluidicamente ou materializar fantasmas animados e inteligentes de defuntos por ele conhecidos em vida, ou de defuntos também pelo médium desconhecidos, mas conhecidos de algum dos presentes (clarividência telepática ou telemnésia).

Ora, tudo concorre para demonstrar que estão em erro tanto os nossos antagonistas quanto certos espíritas já que a análise comparada dos fatos demonstra, ao contrário, que os "espíritos encarnados" como os "desencarnados" não estão em condições de exteriorizar ou de reproduzir outra forma fluídica ou materializada, animada e inteligente, que não a sua.

Não há quem não veja quanto se mostra teoricamente importante tal afirmação, da qual me apresto em demonstrar experimentalmente a validade, recordando antes de tudo que Gabriel Delanne já a havia revelado e repetido numerosas vezes. Assim, por exemplo, no 2º volume da sua obra "Les apparitions matérialisées des vivants et des morts" (pág. 31.8), observa:

"Existe um incidente que parece confirmar a hipótese de que o espírito tenha o poder de modificar o "corpo espiritual" e isto até o ponto de conferir ao mesmo uma aparência radicalmente diversa da sua própria. Ora, ainda uma vez se devem examinar a fundo os fatos, se não se quiser perder-se atrás de uma falsa pista. É verdade que o espírito

desencarnado pode à sua vontade retomar uma das formas que teve, ao voltar à Terra, reaparecendo materializado, seja como era no momento da morte, seja como era em outra época da sua vida. Mas, de assumir a fisionomia de outro se interpõe um abismo e eu não conheço exemplos de espíritos que, voluntariamente, se tenham transformado até tomar o semblante de outro espírito de defunto."

Assim falou Delanne, mas, se teve a intuição da verdade, não se deteve em comentar por quais considerações científicas a afirmativa de tal verdade se mostra legitimamente válida.

Apresso-me, pois, a salientar como isto serve de base para uma prova por analogia fundamental e formidável, porquanto versa sobre processos biológicos e morfológicos que determinam a organização dos seres vivos, processos que se resumem no grande fato de que preside a origem da vida uma misteriosíssima "força organizadora", imanente em todos os seres vivos e diversa em cada um deles, a qual, no plano da existência encarnada, age ocultamente dos seres que vai plasmando.

Tal sendo a lei, daí se infere que, se o espírito sobrevive à morte do corpo, então também a "força organizadora" é uma faculdade do espírito, deve, por sua vez, sobreviver à morte do corpo; e, assim sendo, dever-se-á reconhecer que nos fenômenos das "transfigurações", das "materializações" e das "fotografias transcendentais", quando resultam de natureza espírita, é a mesma "força organizadora" plasmadora dos seres vivos, aquela que retoma automaticamente as próprias funções não apenas estimulada pela vontade do defunto sem que necessite aí de pressupor uma ação direta, intencional, em tal sentido, do próprio

defunto, assim como a mesma "força organizadora" age automaticamente na organização e plasmação dos seres vivos sem que precise aí ainda do concurso intencional dos seres vivos que essa vai plasmando.

E agora chegamos às conclusões: Do exposto resulta que, nos casos em que o automatismo da "força organizadora" se mostra de natureza subconsciente ou de natureza anímica, o médium não poderá fazer outra coisa senão reproduzir a própria forma exteriorizada, materializada ou fluídica, animada e inteligente, assim como existia em qualquer época da sua vida, isto é, não poderá jamais tomar o semblante animado e inteligente de uma terceira pessoa, visto que se é verdade, como indubitavelmente é verdade, que a "força organizadora" age automaticamente, então isto equivale dizer que essa tem o poder de reproduzir e não o de criar. E, ao contrário, nos casos em que o automatismo se mostra de natureza extrínseca ou espírita, o defunto comunicante não poderá fazer outra coisa senão reproduzir, por sua vez, a própria forma materializada ou fluídica, animada e inteligente, tal como existia em qualquer época da sua vida, e jamais reproduzir a forma animada e inteligente de outro espírito, porque, repito, a "força organizadora", por ser um automatismo, reproduz e não cria, o que, se se notar bem, é o contra-senso invariável de qualquer forma de automatismo.

Resulta daí que estes simples, mas inabaláveis, argumentos de fato bastam por si sós para demonstrarem que a hipótese por mim defendida parece irrefutável, visto que, se se trata de um processo automático, então é verdade que tal automatismo não poderá fazer outra coisa senão reproduzir formas e rostos plasmados automaticamente e

nunca criar novos, porquanto criar novos subentende-se um processo ativo e intencional, e já não passivo e automático.

É, pois, evidente, no que se refere aos fenômenos de materializações de fantasmas e rostos animados e inteligentes, que são estes os limites em que deverão ser circunscritos os poderes modeladores do espírito humano, encarnado ou desencarnado, limites impostos pelos fatos de que o pensamento e a vontade não têm poder dirigente sobre a misteriosíssima "força organizadora" e criadora das "formas arquetipos" individuais, "força organizadora" que se identifica com a "Idéia diretriz" pressentida por Claude Bernard, como se identifica com a teoria do "impulso vital criador" de Bergson e com a outra teoria análoga de Geley, sobre a existência de um "dinamismo vital organizador" posto nas fontes da vida, ao passo que tudo concorre para fazer presumir que, na manifestação de tal mistério imperscrutável do ser, nós assistimos ao manifestar, nos mundos, de um atributo da imanência divina do Universo.

Vemos, em conclusão, que o Pensamento e a Vontade teriam ao contrário poder diferente no vasto campo da natureza inanimada, vale dizer, no domínio das criações puramente plásticas ou artísticas. Isto posto, e tornando aos fenômenos de transfiguração, concluiremos observando que se é verdade, como indubitavelmente é verdade, que as considerações expostas provam que os "espíritos encarnados" e os "desencarnados" não têm poder dirigente sobre a modalidade pela qual funciona automaticamente a "força organizadora" e plasmadora da Vida nos mundos, então quando se obtém um rosto radicalmente diverso do semblante do médium, se deverá inferir que a "forma

organizadora" em ação não é a do médium, mas uma outra a esse extrínseca.

*

CASO XII - O episódio que se segue, pela excepcional modalidade de produção, é único em toda a classe dos fenômenos de transfiguração.

O Sr. James Smith, de Melbourne, em um interessantíssimo opúsculo intitulado: "How I became a Spiritualist" (Como me tornei espiritualista), narra que teve o primeiro contato com a fenomenologia mediúnica graças ao auxílio de um médium de "transfiguração", a propósito do que relata o seguinte:

"Pelo fim do ano de 1870, a curiosidade impeliu-me a procurar uma senhora idosa que residia em Charlton, vivia em um casebre composto de três aposentos e tinha fama de ser um médium extraordinário. Eu esperava colhê-la em fraude, mas, pela segunda vez que a procurei, achei-me em face de uma manifestação estupefaciente. Ela era alemã e esposa de um alfaiate ambulante. Não tivera educação alguma; sua conversação era vulgar e sua personalidade destituída de qualquer atrativo. Enquanto, com os meus botões, fazia essas observações, ela caiu em transe, seu corpo foi abalado por uma sacudidela convulsiva, assaz penosa, e pouco depois, pela sua boca, se manifestou uma personalidade inteligentíssima, que não podia certamente identificar-se com a do médium. A acentuação tedesca da sua palestra desaparecera totalmente; assumira uma atitude grave e digna, a linguagem tornara-se característica e elegante, de maneira que, inesperadamente, me foi dado

ouvir uma conferência interessantíssima sobre a evolução cosmogônica; e quem me falava dizia ter vivido na Terra anteriormente a qualquer aurora histórica...

Em seguida, eis que se manifesta uma outra entidade espiritual que se mostrou profundamente versada nas indagações etnológicas; e, depois de me ter descrito os doze tipos principais de gênero humano, assim continuou: "Se na próxima vez vieres acompanhado do amigo Vievers, que é um hábil desenhista, nós te mostraremos sucessivamente, sobre a cara desta mulher, os doze tipos primitivos da raça humana. Naturalmente no dia seguinte voltei, juntamente com o amigo desenhista e a entidade manteve a palavra. Meu amigo logrou traçar, em bem sucedidos esboços, os doze tipos da humanidade primitiva tais como apareceram sobre o semblante transfigurado do médium, alguns dos quais era a tal ponto repulsivos que causavam espanto. O amigo Vievers remeteu-me cópias que ainda conservo cuidadosamente. Os tipos aparecidos foram os seguintes: o Caraíba, o Asiático do norte, o Europeu do sul, o Africano, o Malaio e o Peruano. Como disse, alguns dos restos eram horríveis de ver-se e isto a ponto do meu amigo Vievers se espantar com eles de tal maneira que, em dado momento, só com dificuldade cheguei a impedir que atirasse fora o lápis e fugisse.

Cada tipo daquelas transfigurações se manteve por tempo bastante longo, pois que a entidade fornecia interessantes informações em torno à história de cada um deles, informações a que eu transcrevia rapidamente. A título de exemplo, relato aqui o que ele disse a respeito do tipo caraíba:

"Seu crânio está cuidadosamente classificado nos vossos museus, depois de ter estado durante dezenas de milhares de

anos sepultado nas cavernas da Terra. Ele fornece uma salutar lição ao homem moderno. Observai quão rudimentar ainda era o desenvolvimento deste crânio. Aparece deprimido, chato, limitado, exclusivamente adequado a guiar este ser na satisfação de suas quotidianas necessidades materiais, elas próprias estreitamente limitadas. Meditai particularmente sobre este crânio, pois que se trata de um importante anel de ligação na evolução em série da espécie humana. Parece-vos que este crânio tenha pertencido a um ser digno de ter a mesma sorte que os anjos? Não, certamente; eram seus companheiros as feras das florestas e os animais que faziam os seus ninhos nas tenebrosas cavernas. Suas cordas para caça eram tiras de couro cortadas da pele de animais selvagens; seu arco era uma costela extraída de animais gigantes; suas flechas tinham um chifre na ponta. Estes os utensílios de sua existência selvagem... Sedento de sangue e astuto, com o passo cauteloso, revelava pelo olhar a expressão terrível da sua natureza feroz. Não estremecei, ó amigo, pois o que vos digo não é senão uma pálida descrição do vosso antepassado caraíba. Orgulhoso europeu, ficai sabendo que vossa genealogia em coisa alguma é superior a do vosso pobre irmão caraíba, o qual neste momento vos contempla do alto, pois sua evolução no mundo espiritual é agora superior a vossa no mundo terreno. As suas vigílias de caça na luta pela vida estão afastadas, no tempo, milhares de séculos; e a sua lenta ascensão fez-se agora para sempre espiritualmente radiosa; e talvez, quando entrardes no reino espiritual, não recusareis aceitar por guia o pobre caraíba que está diante de vós e a primeira lição que receberéis no meio espiritual talvez vos seja dada por aquele e que foi descendente do lobo." (Op. cit., págs. 3-5-).

A primeira vista dir-se-ia que esta sucessão de "tipos" representantes das raças primitivas da humanidade consistiria em projeções intencionais, não mais automáticas, de verdadeiras máscaras plásticas, criadas para a circunstância, pela vontade da entidade comunicante, assim como as modelaria plasticamente um escultor no mundo dos vivos, mas, se tem na devida consideração algumas palavras com que se se exprime a personalidade mediúnica comunicante, então será preciso concluir que também neste caso extremo, o qual se mostra único em toda a casuística dos fenômenos em apreço, também neste caso excepcional, se encontre em ação a mesma lei, enquanto que a transfiguração do rosto do médium no do pré-histórico caraíba teria sido devido à autêntica intervenção de um espírito de caraíba, e, assim sendo, dever-se-ia inferir outro tanto para os demais episódios de transfiguração, devidos, por sua vez, à intervenção de cada um dos representantes das raças primitivas que se materializaram, os quais, por um ato de vontade, teriam posto em ação o automatismo modelador da sua "força organizadora", chegando a plasmar sua efígie tal qual era ela nos tempos remotíssimos da sua encarnação terrena.

Mudando de assunto, observo que os "esboços" executados pelo artista desenhista constituiriam já um primeiro encaminhamento para a contribuição de documentações da investigação científica dos fenômenos de transfigurações. Aliás, os esboços de que fala o narrador, informando tê-los conservado cuidadosamente, não são acessíveis e, em consequência, não podem ser utilizados na pesquisa científica. Todavia, devo informar que o Professor Marco Tullio Falcomer, de Veneza, o qual há muitos anos

me enviou o opúsculo de James Smith, achava-se em relações epistolares com este último e escreveu-me que o Sr. Smith publicara em fototipia, em uma revista australiana, a coleção dos desenhos em apreço; mas não me lembro do título da revista, que não era espírita e sim científica. Soube, além disso, pelo Prof. Falcomer que o Sr. Smith era um apaixonado cultor de pesquisas geológicas e etnológicas, o que explicaria a manifestação pela "lei de afinidade", das duas entidades que lhe forneceram informes relativos às investigações que lhe eram prediletas.

*

CASO XIII - Entre os médiuns contemporâneos de "transfiguração"; podemos citar, na França, a Sra. Picquart e, na Inglaterra, a Sra. Bullock, com as quais se principiou a experimentar com critério científico, fotografando os fenômenos das "transfigurações", que se realizam à luz do dia ou com luzes diversamente coloridas, mas sempre suficientes.

Para começar pela Sra. Picquart, observo que o Sr. A. Barbier, no número de maio de 1924, da "Revue Scientifique et Morale du Spiritisme", expõe os métodos rigorosamente científicos com que o hipnotizador M. Piara e o Dr. Potheau, de Nice, experimentam com o referido médium. O doutor em apreço já possui uma conspícua coleção de fotografias variadas, entre as quais se acham fotografias de raios especiais que denomina "raios bio-elétricos", de fenômenos de "materializações parciais", de "concretizações ectoplásmicas" e de "transfigurações".

O médium Sra. Picquart é envolta em uma roupa aderente, sendo uma e outra previamente revistadas por testemunhas sempre novas, as quais podem levar seus aparelhos fotográficos. Depois de alguns minutos, o médium cai em transe, passando à catalepsia, e durante toda a sessão fica em estado de rigidez, sem que se lhe note o menor movimento.

Como disse, as sessões se realizam geralmente à luz do dia, mas para determinadas experiências adota-se a luz vermelha ou verde, ou amarela, caso em que se fotografa à luz do magnésio. Nos casos de "transfiguração", a Sra. Picquart muda radicalmente de fisionomia, e quando a efígie é masculina, aparecem-lhe barba e bigodes no rosto. (loc. cit., págs. 149-151).

Esta, em resumo, a descrição genérica das experiências.

Tiro da "Light" (1927, pág. 508) a seguinte narrativa de uma sessão com a Sra. Picquart, assistida pelo Sr. Niel Gow, sessão que, entretanto, não atingiu o seu pleno desenvolvimento. Cito-a porque não disponho de outra documentação a respeito e também porque tal narrativa serve para ilustrar as modalidades com que se produzem as manifestações.

Relata o Sr. Niel Gow:

"Foi com um sentimento de grata expectativa que entrei na sala das sessões, em casa da Sra. Oudot (Rue du Fauburg Montmartre, Paris), para assistir às experiências com o médium Sra. Picquart, a respeito de quem ouvira falar com admiração. E o meu interesse fora mais do que nunca estimulado pela conspícua coleção de fotografias obtidas pela Sra. Oudot, nas quais se observa o médium nas variadas transformações do seu transe, pois que a Sra. Picquart é um

médium de "transfiguração". A Sra. Oudot tinha-me explicado que ela entrava em condições de catalepsia, durante as quais se transformava de fisionomia e, quando a efígie representava um homem, apareciam-lhes pêlos no rosto. E, com efeito, várias das fotografias por mim vistas o atestavam, mostrando-se extraordinariamente interessantes.

Ao mesmo tempo que eu, assistiam à sessão um senhor norte-americano, representante de uma sociedade de investigações psíquicas dos Estados Unidos; um senhor inglês, membro de bem conhecida sociedade de investigações psíquicas de Londres; uma senhora inglesa, e três senhoras francesas, uma das quais era médium, e uma outra, a mulher de um artista dramático.

A Sra. Picquart foi apresentada a nós todos. É uma senhora pequena e de aspecto comum; pertence à burguesia e aparentemente é surda. Após a apresentação, retirou-se para pôr uma vestimenta negra muito aprimorada, com um xale negro sobre as espáduas nuas. Em nossa presença, ela mesma enrolou um lenço preto em volta da cabeça e estendeu-se a comprido sobre o tapete, apoiando a cabeça em uma almofada especialmente preparada. Estava-se em plena luz do dia e nós começamos a observá-la atentamente.

O médium emitiu dois longos suspiros e logo caiu em estado de transe. Os lábios vibravam fortemente, e os olhos giravam convulsivamente nas órbitas. Depois apareceram sobre a pele do peito e da espádua esquerda largas manchas vermelhas, e seu rosto se tornou muito pálido. A Sra. Oudot levantou um braço do médium, o qual caiu pesadamente sobre o tapete, produzindo um ruído surdo. A expectativa se fazia sempre mais ansiosa. De repente a Sra. Oudot exclamou: "Pronto! Neste momento, o espírito entra no

corpo do médium." Observamos uma mudança. As bochechas do médium tornaram-se flácidas, caídas, as narinas se dilataram, os lábios se projetaram para a frente. Foi logo tomada uma fotografia da manifestação. Poucos minutos depois o médium despertou. Parecia esgotado e abatido, e foi preciso ajudá-lo a levantar-se. Urgentes negócios a liquidar impediram-me de ficar ainda e, com pesar, fui obrigado a ir-me embora. A experiência revelou-se interessante, mas devo confessar que permaneci um tanto desapontado por não ter logrado observar o fenômeno no seu completo desenvolvimento. . . "

E é realmente muito rudimentar o fenômeno de transfiguração, que foi dado ao relator assistir, fenômeno privado de qualquer forma de superposição ectoplásmica sobre o rosto do médium. Assim como se deu, a manifestação aparece como um exemplo assaz modesto de transfiguração por contração dos músculos faciais. Entretanto, são de notar-se as placas vermelhas que apareceram sobre a epiderme do médium, as quais indicariam uma emergência incipiente de transformação ectoplasmática, que por uma causa qualquer não chegou a progredir. Assim sendo, é claro que se não houvesse o precedente de numerosas fotografias, superposições ectoplásmicas, obtidas pela Sra. Oudot, e sobretudo pelo Dr. Potheau, teria sido preferível não citar a experiência.

*

CASO XIV - Os fenômenos de "transfiguração" que se obtêm com a Sra. Bullock são por demais notáveis e interessantes. Como se trata, porém, de uma mediunidade

muito recente, publicaram-se poucas relações de suas experiências e, ademais, só me é possível referi-las pelos resumos das relações publicadas na revista Light. Passo, pois, a referir-me às mesmas, já que não é possível mencioná-las sendo numa classificação destes fenômenos.

No n.º de 12 de junho de 1931 da Light (pág. 283) encontra-se uma relação resumida da seguinte forma:

"O Rev. Will J. Erwood publica na revista "The National Spiritualist", de Chicago, a relação de uma sessão feita por ele em Hale, Manchester, com o médium de transfiguração Sra. Bullock durante a qual se obtiveram manifestações por demais notáveis.

A Sra. Bullock se achava sentada em plena luz, de maneira que se faziam visíveis os mais minuciosos detalhes das manifestações e, no espaço de uma hora e meia, apareceram nada menos de 50 rostos diferentes, sobrepostos ao rosto do médium. O Rev. Erwood observa: "Era como se o resto do médium fosse uma massa elástica moldável à vontade e modelada, ademais, com assombrosa perícia e rapidez, por um exímio mestre na arte, o qual, com fervor inesgotável, passara de uma a outra efígie. No decurso dessa admirável sessão apareceram todas as espécies de rostos e, entre eles, fisionomias de orientais e hindus, calmos, graves e espirituais. Um dos episódios mais impressionantes foi a personificação de uma menina paralítica, conhecida por mim nos Estados Unidos da América. Todo o corpo do médium, juntamente com seu rosto, se havia contraído e transformado em forma radicalmente distinta do aspecto normal da mesma, representando, com toda a exatidão, as lamentáveis condições em que se encontrara aquela pobre vítima da paralisia."

Em outro número da mesma revista, lê-se o seguinte resumo:

"Os estudiosos das Investigações psíquicas de Belfast se interessaram muito, ainda há pouco, pelas experiências da Sra. Bullock, que se realizaram na sede da "Sociedade de Pesquisas Psíquicas". Essas manifestações foram de um caráter incomum. O referido médium sentou-se defronte de uma lâmpada vermelha, de uma luz algo tênue, e, depois que se manifestou seu "espírito-guia", começaram a produzir-se as assombrosas transfigurações de seu rosto, que ia tomando os semblantes dos espíritos que, sucessivamente, se comunicavam.

Por detrás do médium fora estendido um largo pedaço quadrado de veludo preto, e, como o médium se vestira igualmente de preto, as caras, que apareciam, se destacavam de forma notável. O mais extraordinário verificado na produção das transfigurações consistiu na circunstância de que essas cresciam e se desenvolviam internamente e, como se manifestaram também rostos de orientais muito velhos, era muito interessante e prodigioso observar-se como o rosto do médium se tornava, de repente, enrugado, ao mesmo tempo que as sobrancelhas se alargavam obliquamente e se desenhava sobre o lábio a sombra de bigodes virados para baixo. Desnecessário é dizer que se manifestaram muitas personalidades de defuntos conhecidos dos presentes, que conversaram, assim, com parentes e amigos.

Devo acrescentar que a Sra. Bullock é uma pessoa muito simpática, cuja modéstia iguala sua sinceridade. O seu aparecimento entre nós, com sua mediunidade rara e prodigiosa, foi um acontecimento que despertou o maior interesse (Light, 1932, pág. 141).

Como se verifica por estes sucintos relatos, a mediunidade da Sra. Bullock é realmente notável e promissora e, posto que se trate de um médium todavia muito novo, dado é esperar ulterior e próximo desenvolvimento de suas faculdades supranormais, desde que a estudem experimentadores que se proponham a observar os fenômenos de um ponto de vista rigorosamente científico.

Teoricamente falando, mostra-se importante a observação feita pelo relator quando diz que as transfigurações "cresciam e se dissolviam interiormente", o que induz a presumir que, em tais fenômenos, se verifiquem uma produção e conformação interior da substância ectoplásmica que constitui os tecidos do rosto do médium, caso em que os tecidos se dissolveriam em uma substância amorfa muito maleável, com a qual as distintas personalidades espirituais comunicamos plasmas suas efígies em virtude de um ato volitivo, devido ao qual entrariam em função suas próprias "forças organizadoras" individuais. A este respeito quero recordar que anteriormente citei um caso sucedido com o médium Home (Caso IV) em que houve uma circunstância que vem confirmar tal interpretação dos fatos. Disse, na ocasião, que nos processos da diminuição do rosto daquele, notava-se a curiosa circunstância da pele que se tornava profundamente enrugada e flácida, indício evidente de que o fenômeno de transfiguração se produzia com a ajuda de processos de "dissolução interior", isto é, de subtração de substância ectoplásmica dos tecidos do rosto do médium, pelo qual se subtende que os processos opostos de retoque com adição de

massa ectoplásmica ao rosto do médium se deviam realizar igualmente por "integrações e manipulações internas".

Mostra-se assombroso-até o inconcebível o fato de que, no intervalo de hora e meia, se tenham podido sobrepor, materializar e dissolver, 50 rostos sobre o do médium. Contudo e apesar da nossa incapacidade para compreender o fenômeno, é raro nas experiências de transfiguração, mas já foi citado antes um caso análogo.

Com o intuito de atenuar, de certo modo, o espanto justificado do leitor, quero recordar que sucede o mesmo nos fenômenos das materializações de fantasmas independentes do médium. Valem por todas as experiências relativamente recentes de Varsóvia com o médium Frank Kluski, em que os fantasmas se manifestavam em sucessão ininterrupta, dissolvendo-se instantaneamente ante os espectadores, da mesma forma instantânea com a qual se haviam materializado. Quero recordar, também, que, nas clássicas experiências de William Crookes, o fantasma materializado de "Katie King" aparecia e desaparecia com fulminante instantaneidade, se bem se tratasse de um fantasma solidamente conformado e perfeitamente organizado. Infere-se que esse segundo mistério, mais imperscrutável ainda que o primeiro, serve, quando menos, para tornar mais aceitável a particularidade da sucessão rapidíssima com que se concretizam e se dissolvem os rostos supranormais nas experiências de transfiguração.

Noto, enfim, que ambos os narradores falam de manifestações de defuntos conhecidos dos experimentadores, com provas de identificação pessoal, entre as quais se mostra muito notável a referida pelo Rev. Erwood, em que o médium se transfigura no rosto e no corpo, personificando

uma pobre paralítica, conhecida do narrador. Não há quem não veja como tal episódio, em que se nota uma completa identificação física da defunta que se manifesta, induz racionalmente a presumir que, se o episódio mesmo não pode desta vez explicar-se com o trabalho de uma força modeladora subconsciente, e isto pelas considerações precedentemente expostas, reforçadas pelo fato de que o médium jamais conhecera a moça que se manifestara, então dever-se-ia concluir no mesmo sentido para as materializações de todos os outros rostos, isto é, na sentido de que, nos numerosos semblantes aparecidos, dever-se-ia pressupor a intervenção de outras tantas personalidades de defuntos.

*

CASO XV - Este último caso, de data recentíssima, realizou-se espontaneamente, com o conhecido médium Sra. Barkel, que possui faculdades de "clarividência" e é uma "oradora por inspiração", como são tantas em países anglo-saxões. Aquele a quem foi dado observar nela o fenômeno da transfiguração do rosto foi o Sr. Leonard Farquhar, um céptico, que se dirigira à reunião com a intenção de formar uma opinião pessoal a respeito de semelhantes experiências. Escreve ele:

"Declaro que não sou espírita, mas sei manter-me prudentemente neutro quando se trata de assuntos que não conheço e os meus conhecimentos a respeito remontam a uma semana antes da sessão de que me proponho a falar. Eu sou positivista materialista e, em consequência, não se

poderia dizer que tivesse tendência para ter visões por auto-sugestão.

Na minha qualidade de neófito, propus-me a vigiar, atentamente, o médium no momento em que caísse em "transe". Assim procedendo não me parecem notar indícios de sua passagem a condições anormais quando se pôs de pé para começar o sermão, o qual me deixou profundamente decepcionado. Nada encontrara que fosse de molde a sugerir uma origem supranormal... e foi para mim verdadeiro alívio quando vi a Sra. Barkel tornar a sentar-se. Sentia-me mais decepcionado, irritado e quase hostil.

A "presidente" pôs-se a falar por sua vez, mas eu não a escutava e fixava o olhar perscrutador sobre o médium, com o escopo de assegurar-me se realmente se manifestariam indícios da sua emergência em um estado anormal.

Pois bem: desta vez houve indícios, e de um gênero inspirado. A Sra. Barkel estava sentada tranqüilamente, com a cabeça levemente reclinada. Pouco depois observei um movimento dos seus ombros, que se puseram em linha horizontal, enquanto a cabeça caía bruscamente para frente, indo apoiar-se com o queixo sobre o peito, mas o queixo se mostrava particularmente indistinto. Depois, o médium permaneceu imóvel como uma estátua. Eu continuava a observá-la com impassível insistência, enquanto a "presidente" prosseguia no seu discurso. De repente, com imenso estupor meu, notei que a cabeça e o rosto da Sra. Barkel estavam totalmente mudados, ou melhor, tinham sido substituídos pela cabeça e o rosto de um homem. Entretanto, eu não notara mesmo o mais insignificante movimento! Isto não impedia que, no lugar do rosto da Sra. Barkel, reclinado sobre o peito, se achasse o másculo rosto de um homem, que

se sobrepusera ao primeiro, mas sem o menor movimento perceptível e apesar de redobrada atenção. Depois esfreguei os olhos e lancei rápido olhar à assembléia, para assegurar-me se alguém se apercebera do fenômeno, mas todos escutavam atentamente o discurso da "presidente" e ninguém prestava atenção ao médium. Voltei a contemplar o espetáculo com o mais vivo interesse. Se se tratasse de uma visão fugaz, teria acabado por dar de ombros, pensando nas estranhas ilusões que os "jogos de sombra" chegam a criar, mas aquele rosto de homem permaneceu diante de mim vários minutos, não apenas um instante fugacíssimo.

A Sra. Barkel envergava um comprido vestido preto, ornado de um colar branco, e eu jamais esquecerei o grotesco contraste gerado pelo fato dela achar-se sentada imóvel, como morta, e com uma cabeça que não era a sua, mas a de um homem!

Nesse meio tempo, o grande discurso da "presidente" continuava a absorver a atenção da assembléia, enquanto a seu lado uma mulher-homem jazia enrijecida, com aspecto de morta.

Procurei certificar-me se a cabeleira da Sra. Barkel, que é de uma cor louro-dourada brilhantíssima, permanecera tal qual era, mais não; ela se tornara opaca, enquanto uma boa parte da mesma desaparecera sob a máscara máscula sobreposta ao seu rosto, que, como eu disse, pousava o queixo sobre o peito do médium.

Parecia a máscara de um homem que tivesse sido fulminado na própria cadeira, reclinando a cabeça sobre o peito. Desgraçadamente, eu o divisava de perfil e não consegui estudar-lhe exatamente os tratos de maneira a descrevê-los eficazmente. Do canto de onde olhava,

distinguiu-lhe uns três quartos, uma porção dos quais se apresentavam em ótima luz para mim, mas os traços daquele rosto não eram distintos. Também os cabelos pareciam indefinidos e não saberia descrevê-los. A parte do queixo, que se me apresentava, era imberbe e amarelada como pergaminho, mas no conjunto o rosto parecia acinzentado. Na base das faces se distinguiam rugas, que pareciam produzidas pela pressão do queixo sobre o peito. Na região das orelhas observavam-se "costeletas", que se prolongavam até o queixo. O rosto do rosto era barbeado.

Como disse, aquele semblante não era distinto, não obstante, posso afirmar que se tratava do rosto de um homem maduro, mas não velho, de muito grave aspecto e aparentemente morto.

Fiquei a contemplar o fenômeno por vários minutos (não simplesmente "segundos" é bom notar), até que vi a Sra. Barkel mover-se durante um instante na cadeira, para depois levantar-se e olhar em torno com expressão de estupor. Voltara a si, com transformação instantânea, e os seus cabelos de ouro brilhavam novamente à luz!

E agora pergunto a mim mesmo: Como explicar-se semelhante fenômeno? Talvez atribuindo-o à minha imaginação super excitada pelo sermão inspirado que ouvira? Não, de certo, visto que aquele sermão aguçara, ao contrário, o meu cepticismo, deixando-me impassível e decepcionado. Talvez atribuindo-o aos efeitos do álcool? - Excluo também isto, pois que sou abstêmio. - Talvez a um sonho em estado de sonolência? - Mil vezes excluído, pois que nunca estive tão vigilante e atento como naquele momento. - Talvez à incubação de qualquer enfermidade?

Excluído, pois que continuo a gozar perfeita saúde do corpo e do espírito." (Psychic News, 1932, n.º 22, pág. 10).

Como se infere das respostas a estas interrogações finais, o relator-percípiente está bem seguro de quanto viu, ao passo que da narração exposta sobressai, outrossim, que ele é, de fato, um observador inteligente e sagaz, ao qual não escapou nenhuma particularidade do fenômeno ocorrido, o que é mais importante, porquanto, sendo um céptico e um decepcionado, era por isso mesmo o observador melhor indicado para analisar serena e desapaixonadamente o que se desenrolava diante de si e se a tais considerações se acrescenta a circunstância de ter podido observar o fenômeno durante vários minutos consecutivos, não nos resta senão reconhecer que assistira a um magnífico fenômeno de "transfiguração" (fenômeno cuja existência ignorava), mediante o qual, presumivelmente, um defunto, cujos parentes se achavam presentes, tentara reproduzir a cena da própria morte com o escopo de reconhecimento. É, pois, bem deplorável que o discurso da "presidente" tivesse impedido os assistentes de prestar atenção ao que se passava, espontaneamente, diante deles.

No que se refere à classificação das manifestações, tudo concorre para demonstrar que se tratava de um fenômeno de transfiguração verdadeiro, porquanto se notaram na mesma alguns sinais de adição ectoplásmica sobre o rosto do médium, tais como as "costeletas" que, partindo das orelhas, se prolongavam até o queixo do rosto másculo que se veio sobre por ao outro, feminino. Acrescente-se que o fato do percípiente insistir sobre a aparência indistinta dos traços daquele rosto tende a reforçar a mesma tese, porquanto se deveria presumir que os traços indistintos derivassem de uma

produção imperfeita da materialização, o que equivale a admitir a existência de um processo de exteriorização ectoplásmica.

Observo que o percipiente teve a impressão de que o fenômeno consistisse em uma máscara de ectoplasma concretizada, não se sabe como, sobre o rosto do médium e tal observação adquire valor teórico pelo fato de quem assim se exprime é um profano, absolutamente ignorante da técnica dos fenômenos a que assistiu, o que leva a reconhecer que a semelhança de sua expressão com as de vários outros que assistiram a idêntico fenômeno tende a fazer presumir que, para a classe das manifestações em apreço, deva realizar-se algo de semelhante.

Observo, enfim, que nas experiências mediúnicas do gênero, como também algumas vezes fora delas (veja-se o caso V), se repete freqüentemente o interessante fato da manifestação espontânea dos fenômenos de "transfiguração", conquanto o mais das vezes isso sucede sob a forma menos interessante da "adaptação dos músculos faciais", adaptação, porém, que é muitas vezes levada a tais extremos (não realizáveis normalmente) que chega à representação de uma terceira pessoa defunta. Viu-se, ao contrário, que, no caso exposto, se bem que estivesse presente um médium dotado de faculdades supranormais diversas, o fenômeno assume valor de transfiguração ectoplásmica.

Agora, assaz difícil é explicar-se tais formas de transfiguração espontânea, se não se recorrer à intervenção de uma entidade de defunto que se tivesse apoderado do organismo do "sensitivo" em condições de sono. Assim, por exemplo, no caso V., em que se trata de um filho que vela o pai adormecido e vê transformar-se o seu rosto no da própria

mãe, enquanto a camareira nota, espontaneamente, o mesmo fato, em um caso semelhante, o único modo de explicar o fenômeno é o de presumir que a mãe defunta, que, por várias vezes, aparecera ao marido enfermo e prestes a morrer, tenha querido manifestar-se ao filho pela única forma por que podia atingir o seu objetivo. Por outro lado, caso se quisesse explicar o fenômeno com uma hipótese naturalista, dever-se-ia admitir que a transfiguração do rosto do enfermo fosse devida à circunstância de o enfermo ter sonhado encontrar-se com a mulher defunta, o que se mostra uma hipótese literalmente gratuita e insustentável, tanto mais se se considerar que, para provocar a transformação do rosto do adormecido no da pessoa sonhada, não bastou que ele a visse diante de si, e dever-se-ia afirmar que ele teria sonhado transformar-se na pessoa sonhada, o que não é, certamente, um sonho verossímil. Suponho que não se conheçam exemplos de pessoas que hajam sonhado ter mudado de sexo, sem contar que um sonho semelhante não poderia determinar um fenômeno de transfiguração em um adormecido que não seja médium. Além disso, recorro que a mesma hipótese tornar-se-ia mais do que nunca insustentável nos casos do gênero em transfiguração do rosto do adormecido assume o caráter geração ectoplásmica, e isto por força das considerações desenvolvidas nos comentários aos casos X e XI.

Com isto ponho termo à enumeração dos casos de "transfiguração" que rebusquei, laboriosamente, no meio de um número elevado de episódios do gênero, os quais, se bem que algumas vezes muito interessantes, não apresentavam as necessárias garantias de autenticidade, fosse por insuficiência de dados, fosse, enfim, por uma certa

desconfiança, talvez injustificada, por mim concebida pelas faculdades de observação de quem as referia.

E também com relação aos poucos casos citados, recordarei como, na introdução ao presente trabalho, tive oportunidade de observar que eles apresentavam escasso valor científico, e isso pela natureza das próprias manifestações, as quais eram observadas em condições que dependiam muito da perspicácia e do estado de alma dos experimentadores e ofereciam o flanco a legítimas dúvidas e cepticismos, de modo que dever-se-ia reconhecer que a classe dos fenômenos em apreço tinha conquistado o lugar que o espera na casuística metapsíquica quando se houvesse difundido entre os experimentadores o método científico de fixar sobre a placa fotográfica as transfigurações dos médiuns.

Isto posto, passo a enumerar o pouco do experimentalmente adequado que se contém nos casos relatados, notando, antes de tudo, que entre eles se notam seis casos observados coletivamente por dois, por cinco, ou por numerosos observadores (casos V - VII - VIII - XI - XIV), e que já servem para eliminar a hipótese alucinatória. Para excluir a outra hipótese, ou melhor, a outra objeção da insuficiência dos dados para prova de que nas transfigurações intervenham elementos de integração ectoplásmica, podem aduzir-se os casos IV-VIII-X-XI-XIII-XIV-XV, em que foram observadas materializações de supercílios inexistentes sobre o rosto do médium, de bigodes e de barba aparecidos em rostos femininos, de cabelos branquíssimos em rostos juvenis de médiuns, de narizes que mudaram radicalmente de forma, e de alongamentos supranormais do corpo do médium no caso de Home.

Recordo, enfim, que três dos casos em apreço são acompanhados de documentação permanente, em um das quais ela consiste em desenhos da realidade, tomados simultaneamente com a produção dos fenômenos, e nos outros consiste em uma copiosa coleção de fotografias. E esta última circunstância assinala já a introdução dos métodos de indagação científicos nas experiências em apreço, conquanto o que por ora se obtém seja ainda de ordem particular e em consequência dificilmente utilizável em serviço da ciência.

Resta-me observar que, entre os médiuns contemporâneos com os quais se obtém fenômenos de transfiguração, devem ser incluídos o médium alemão Heinrich Melzer, de Dresden, e o médium sueco Ana Rasmussen, que não citei na classificação dos casos porque não dispunha de relatos adequados para o fazer.

Não obstante? informo que o médium Melzer realizou recentemente uma série de sessões na sala do "British College of Psychic Science", cujo presidente, o Sr. James Hewat Mackenzie, publicou a respeito um relato na revista "Psychic Science" (1927, pág. 19). Ora, em tal relato se lê este parágrafo:

"Em dado momento achamo-nos em face da máscara autêntica de um personagem chinês, mascara que veio sobrepor-se ao rosto do médium.

Ninguém, a não ser quem se achasse presente, poderia apreciar o realismo impressionante de semelhante transfiguração do rosto de um europeu no de oriental e isto em consequência da substituição das personalidades mediúnicas."

Por sua vez, o naturalista Professor Tillyard, em uma conferência realizada no "National Laboratory of Psychic Research", aludiu a um caso análogo ocorrido com o médium Ana Rasmussen, observando a respeito:

"A sessão se realizou em plena luz do dia e o médium não caiu em transe, mas somente em um estado de estupor... Seu nariz se transformou e as características faciais se tornaram as de um homem, enquanto o médium começou a conversar com timbre vocal absolutamente másculo. Todos os cientistas presentes discutiram longamente sobre diversas hipóteses para de alguma forma explicar cientificamente o estranho fenômeno a que haviam assistido." (Light, 1926, pág. 472).

Passando às induções e deduções que os fenômenos em exame sugerem, observo, antes de tudo, que a análise comparada dos melhores fenômenos leva logo a notar a circunstância de que uma relação indubitável existe entre os fenômenos de "transfiguração" e os das "materializações integrais de fantasmas independentes do médium" e tal relação se mostra evidente a ponto de se dever inferir que os primeiros são uma fase de exteriorização incipiente dos segundos.

Alexandre Aksakof já o tinha notado no seu livro "Um caso de desmaterialização parcial" (págs. 210-211), observando que os fenômenos de "transfiguração" eram importantes, porquanto representavam a fase inicial dos fenômenos de "materialização" e, a propósito da exteriorização de um fantasma materializado com o médium Sra. Compton, observa:

"Quando a forma materializada nada mais apresenta de comum com o aspecto do médium, encontramos-nos em face

de uma completa transformação. Por quem ou por que foi produzido o fenômeno? É nisto que reside a tão formidável quão espinhosa questão a resolver. É certamente inverossímil que tão radical transformação seja devida às faculdades supranormais da subconsciência do médium e quando a forma materializada responder a todas as exigências por mim formuladas para o reconhecimento legítimo de uma individualidade, obter-se-ia com isso uma prova efficacíssima em demonstração de que uma outra personalidade transcendental, independente do médium, se apoderara unicamente da substância orgânica deste último, para servir aos próprios fins. Mas, se assim for, não seria talvez mais simples para a personalidade transcendental em questão utilizar-se para tais fins do próprio corpo do médium, ou somente do seu rosto, transformando-o segundo seus desejos, sem recorrer à produção maravilhosa, mas muito mais difícil, de um corpo distinto e absolutamente diferente do corpo do médium? Se existissem fatos de tal natureza, então, entrar-se-ia na posse de uma prova admirável, tangível, visível, em demonstração de que as materializações que reduzem a um fenômeno de transmutação. Pois bem. Estes fatos existem, mas são raros e se acham dispersos na massa enorme de material grosseiro existente na literatura espírita."

Após o que Aksakof procedeu à citação de dois casos de "transfiguração", com aparecimento de barba e cabelos grisalhos no rosto e na cabeça do médium, observando a respeito:

"Se bem que a Sra. Killingbury denomine os casos relatados de "fenômenos de transfiguração", notam-se neles circunstâncias de produção tais como barba e cabelos

grisalhos, bem como aumento de peso do corpo, os quais indicam, de maneira manifesta, o desenvolvimento incipiente de um processo de transformação ectoplásmica." (op. cit. 21).

Nota-se que ele estabelece uma justa distinção entre os casos de "transfiguração" em que o fenômeno se reduz a um simples jogo mais ou menos maravilhoso de contração e adaptação dos músculos faciais, e aqueles nos quais se encontra um princípio de adição ectoplásmica sob forma de características faciais inexistentes no médium. São estes os casos que ele tem em grande conta, porquanto representam o processo inicial dos fenômenos de materialização integral de fantasmas independentes do organismo do médium.

Eis a que ponto se apresenta a formidável perplexidade a resolver, a que Aksakof se refere, perplexidade que não existiria se as materializações de fantasmas fossem sempre radicalmente diferentes dos médiuns e outro tanto sucedesse com os rostos transfigurados, casos em que não se poderiam contrapor objeções sérias à interpretação espírita dos fatos, porém a produção dos fenômenos em apreço não é tão simples e nos casos das materializações, como nos das "transfigurações" se verifica muitas vezes que o rosto transfigurado ou o fantasma materializado é em parte diferente e em parte semelhante ao médium e, em determinados casos clássicos de fantasmas materializados, as semelhanças sobrepujam as diferenças, mas, ao contrário, em ambas as classes dos fenômenos, notem-se casos em que nos achamos em presença de duas personalidades radicalmente diferentes. Como explicar essas circunstâncias antitéticas, tendentes a sugerir interpretações opostas? Em minha opinião, e baseado na análise comparada dos fatos, dever-se-

ia inferir que a perplexidade em apreço deriva do fato de que os fenômenos de "transfiguração", mas sobretudo os fenômenos de "materialização", podem realizar-se com duas modalidades de produção notavelmente diferentes, a primeira das quais consistiria no fato de que a personalidade mediúnica não retiraria somente substância ectoplásmica ao médium, mas apossar-se-ia do seu "fantasma ódico" (no sentido conferido ao termo pelos ocultistas), do qual se revestiria, transformando-o, mas conseguindo dificilmente dominar com a vontade a resistência passiva oposta pela "força organizadora" latente no próprio "fantasma ódico", com a conseqüência de que a transfiguração ficaria sempre imperfeita, quando a segunda de tais modalidades consistiria, ao contrário, na circunstância de que a personalidade mediúnica, favorecida por condições propícias, retiraria unicamente substância ectoplásmica do médium, sem apoderar-se do seu "fantasma ódico", caso em que estaria em situação de reproduzir, de modo perfeito, o próprio simulacro materializado e isto porque a vontade da personalidade mediúnica não teria que vencer a resistência passiva da "força organizadora" inerente ao "fantasma ódico" do médium.

Lembro-me de ter lido nos relatórios de Florence Marryat que ela perguntou um dia ao fantasma de "Katie King" por que motivo se assemelhava algumas vezes ao médium e "Katie King" lhe respondeu: "Eu não posso impedi-lo, pois a resistência passiva que me opõe o corpo fluídico do médium é mais forte do que a minha vontade." Resposta preciosa que confirma as presunções expostas e que ao mesmo tempo demonstra que o fantasma de "Katie King" se servia do

"corpo fluídico" ou "fantasma ódico" do médium para materializar-se. Isto é confirmado pela resposta obtida do médium Eusápia Paladino, em condições de hipnose, pelo Cel. Albert De Rochas.

O Sr. De Rochas relata:

"Um dia Eusápia Paladino permitiu que eu a adormecesse em presença da minha esposa (ela foi tantas vezes torturada pelos homens de ciência que se tornou medrosa). Consegui rapidamente levá-la aos estados profundos da hipnose e então, com grande espanto seu, viu aparecer à sua direita um fantasma de cor azul. Perguntei-lhe se esse fantasma seria "John". - "Não, respondeu ela, mas é desta substância de que se serve John. - Dito isto tomou-se de um sentimento de medo e pediu insistentemente para ser despertada, o que diz, deplorando não ter podido prosseguir ulteriormente nas minhas pesquisas." (A. de Rochas: "A exteriorização da motricidade", pág. 17).

Assim se pronuncia De Rochas. Observo, antes de tudo, que o experimentador dirigira à Eusápia uma pergunta formulada de maneira a sugerir de preferência uma resposta em sentido afirmativo, ao passo que Eusápia respondeu negativamente, e o fez em termos inesperados para o experimentador, o que serve para excluir a hipótese de uma presumível sugestão por parte deste último. Isto posto, observo que a explicação fornecida por Eusápia a respeito de "John", o qual se serviria do seu "fantasma ódico" para produzir os fenômenos físicos, se acha em perfeito acordo com a resposta de "Katie King". Não obstante, se quisermos ser precisos no uso dos termos, em vez de falar de "corpo fluídico" e do "corpo etéreo" (expressões que correspondem ao termo "perispírito" ou "invólucro do espírito"),

deveríamos falar de "fantasma ódico" no sentido conferido a tal expressão por De Rochas e por todos os ocultistas, sentido que corresponde ao que a "Vidente de Prevorst" (no ano de 1820) chamou de "espírito de nervos", ou "princípio de vitalidade nervosa", o qual permitia à alma entrar em relação com o corpo e ao corpo com o mundo, e a "Vidente" explicava a respeito que "por semelhante intermediário os espíritos, que se achavam na região média, eram postos em estado de atrair a si elementos atmosféricos que lhes conferiam o poder de fazer-se ouvir pelos vivos, de entrar em contato com eles, de suspender as leis de gravidade ou de mover objetos pesados". Observo que estas revelações da famosa "Vidente" têm grande importância, pois foram, igualmente, fornecidas em termos equivalentes per uma sonâmbula do Rev. Werner (1840), que afirmou que "o organismo humano é vitalizado por um fluido nervoso, que é o intermediário indispensável para que a alma entre em relação com o mundo exterior", e que, por sua vez, acrescentara que "depois da morte as almas não podiam libertar-se imediatamente do fluido nervoso..., que as almas muito terrenas se saturavam dele com júbilo, porque o fluido nervoso lhes conferia o poder de retomar a forma humana e tornar-se visíveis aos vivos ou fazer-se notar por eles ou ainda entrar em contato com os mesmos, ou, enfim, produzir ruídos e sons na atmosfera terrena...". Convêm notar que estas importantes revelações de duas sonâmbulas, em torno da gênese dos fenômenos mediúnicos de ordem particularmente física, foram feitas muitos anos antes do advento do Espiritismo, o que vale dizer quando o mundo inteiro ignorava a possibilidade da existência de fenômenos de tal natureza, experimentalmente obtidos. É preciso notar

igualmente a asserção de Eusápia de "que John se servia do seu "fantasma ódico" para produzir os fenômenos físicos".

A vista do que vem sendo exposto, chega-se à conclusão de que a questão formulada por Aksakof se mostra elucidável, desde que se concorde em que, nos casos de materializações de fantasmas com rostos em parte semelhantes ao do médium, se deva inferir que tal se dá porque o espírito se serve unicamente da substância ectoplásmica subtraída ao médium, evitando apoderar-se do seu "fantasma ódico", sempre ressalvados os casos em que a vontade da entidade espiritual operante se revela a tal ponto poderosa que sobrepuje a resistência passiva oposta pela "força organizadora" imanente no "fantasma ódico". Já ao contrário, nos casos dos fenômenos de "transfiguração", em que dificilmente a entidade operante poderia evitar achar-se em contraste com a "força organizadora" inerente no organismo do médium, dever-se-ia inferir quase sempre que, quando não existem semelhanças entre o rosto do médium e o rosto que aparece por transfiguração, isso sucede por ter sido a vontade da entidade espiritual operante bastante poderosa para sobrepujar a resistência passiva que se lhe opunha.

Na referida dupla solução da perplexidade enunciada por Aksakof se contém, presumivelmente, uma grande parte de verdade, pois que os fatos contribuem para demonstrar ser tão necessária a segunda interpretação quanto a primeira. E como confirmação ulterior de que as personalidades mediúnicas não se servem sempre do "fantasma ódico" do médium, observo que se conhecem exemplos de materializações simultâneas de dois ou mais fantasmas, o que não poderia ser explicado com a transformação do

"fantasma ódico" do médium. Recordo a respeito as clássicas experiências do banqueiro F. Livermore com o médium Kate Fox, em que se manifestavam às vezes, simultaneamente, até quatro fantasmas materializados, visíveis à luz suficiente, e, hodiernamente, recordo as memoráveis experiências com o médium polaco Frank Kluski, nas quais sucedeu outro tanto. Acrescento finalmente que estou em situação de confirmar o que digo por experiência pessoal, pois que nas nessas trienais investigações experimentais com o médium Eusápia Paladino, no "Círculo Científico Minerva", de Gênova, investigações em que tomaram parte com o signatário o Professor Enrico Morselli e o Dr. Giuseppe Venzano, materializou-se uma noite, no gabinete mediúnico, para depois abrir as cortinas e apresentar-se, em ambiente iluminado por um bico de gás, uma forma de mulher carregando nos braços um menino que mantinha bem alto, quase em atitude de atirá-lo. Observo que o fantasma feminino apresentava particularidades de identificação pessoal e que o menino, a um dado momento, se inclinara, e, aproximando o rostinho do da forma de mulher, dera-lhe dois beijos na frente, beijos ouvidos por todos. Ao mesmo tempo, através do intervalo das cortinas, era visível o corpo do médium estendido sobre uma maca de campanha e de quem o Prof. Morselli ligara mãos e pés. (Para melhores informações, reporto-me ao meu livro "Hipótese Espírita e Teorias Científicas", bem como ao livro do Prof. Morselli "Psicologia e Espiritismo"; volume II, págs. 214-268).

Assim sendo, manifesto que, se a forma materializada da mulher poderia circunscrever-se a uma transfiguração do "fantasma ódico" exteriorizado pelo médium, o mesmo não se pode afirmar quanto ao menino, cuja forma materializada

devia necessariamente ser independente do seu "fantasma ódico", conquanto dependesse dele pela substância ectoplásmica.

Decorre daí que fica confirmado, na base dos fatos, que as personalidades espirituais dos defuntos podem bem deixar de recorrer ao "fantasma ódico" do médium; mas, por outro lado, fica não menos confirmado que, quando os fantasmas materializados se assemelham ao médium, isso se esclarece exclusivamente com a outra hipótese segundo a qual as personalidades espirituais se servem muitas vezes, para fins, do "fantasma ódico" do médium, hipótese que, como fiz notar, se mostra confirmada pela explicação em tal sentido fornecida pelo fantasma de "Katie King", e pela observação análoga que fez Eusápia Paladino em condições de hipnose.

Isto estabelecido, apresso-me a declarar que a argumentação exposta tem por único escopo resolver a questão levantada por Aksakof, e de nenhum modo o de fazê-la valer em serviço exclusivo da tese espiritualista, como se poderia inferir de determinadas expressões por mim usadas, em que eu falo de entidades espirituais de defuntos, expressões a que recorri para melhor conformar-me ao quesito enunciado por Aksakof; mas compreende-se que, no investigar a gênese dos fenômenos mediúnicos, preciso é ter sempre presentes as duas soluções com que são susceptíveis de ser interpretados, segundo as circunstâncias: Animismo e Espiritismo. E isto tanto mais no nosso caso, em que se conhecem episódios de desdobramento e de materializações de autênticos "duplos" dos médiuns, como se conhecem episódios de materializações de retratos, "simulacros chatos" de defuntos. E esta última classe de manifestações se mostra teoricamente interessante, porquanto traz confirmação à bem

conhecida hipótese segundo a qual o pensamento e a vontade subscientes dos médiuns, como o pensamento e a vontade conscientes dos defuntos, são "forças plásticas", fato este último, entretanto, que não deve ser confundida com o outro fato precedentemente discutido, acerca do poder que teriam os "espíritos desencarnados" de modificar, à vontade, o seu "corpo etéreo", de maneira a conferir ao mesmo os traços de um outro espírito, fato cuja possibilidade deve ser excluída, de acordo com as conclusões e que se chegou anteriormente, isto é, que a manifestação do próprio "corpo etéreo" sob forma visível e tangível, bem como animada e inteligente, depende de um automatismo da misteriosíssima "força organizadora" imanente em cada indivíduo e diferente em cada um, automatismo que reproduz mas não cria. E uma vez demonstrado que a Vontade dos "espíritos encarnados e desencarnados" não tem poderes dirigentes sobre o automatismo funcional da "força organizadora" que plasma a Vida nos mundos, uma vez demonstrado isto, resulta que, nas circunstâncias em discussão, em que não se trata, direi assim, de obras de arte em forma de retratos ou simulacros chatos de defuntos, mas sim de fantasmas organizados, vivos e inteligentes, é sempre necessário admitir a presença, in loco, do defunto que se manifesta com identidade de semblante.

Em outros termos: suponho ter demonstrado, baseado em provas por analogia, as três seguintes proposições teóricas: Em primeiro lugar, que nas circunstâncias em que o fantasma materializado, vivo e inteligente, é criado e animado pelo pensamento e pela vontade subscientes do médium, isso é necessariamente uma obra de "desdobramento" do médium, caso em que a "força

organizadora" imanente no "corpo etéreo" não poderia deixar de modelá-lo automaticamente sobre a "forma arquétipo" particular ao médium. Em segundo lugar, que, nas circunstâncias em que o fantasma materializado, vivo e inteligente, é criado e animado pelo pensamento e pela vontade de um defunto, então, por motivo idêntico, não poderá deixar de modelar-se, mais ou menos fielmente, sobre a "forma arquétipo" peculiar ao defunto. Em terceiro lugar, que, nas circunstâncias em que a vontade subconsciente do médium ou a consciente do defunto se proponham a modelar a efígie de um terceiro indivíduo, vivo ou defunto, que lhes seja conhecido, elas conseguirão exteriorizar um simulacro plástico inanimado e nada mais, pois que, para criar o fantasma integral organizado, vivo e inteligente, deveria animá-lo com o seu próprio "corpo etéreo", no qual existe imanente a "força organizadora" que o plasmou, a qual não poderia deixar de modelá-lo automaticamente sobre a própria "forma arquétipo", impedindo-lhe a manifestação com traços outros que os seus próprios. Tais deduções parecem claras, precisas, irrefutáveis, pelo fato anteriormente discutido e demonstrado, isto é, que a criação de um fantasma materializado, vivo e inteligente, ou de um rosto obtido por transfiguração, são obra de um automatismo da "força organizadora" imanente nos seres vivos e diferente em cada um deles. Daí decore que quem pretenda impugnar as minhas proposições deverá demonstrar-me que a lei em apreço, regedora dos fenômenos das materializações mediúnicas, lei por mim enunciada e discutida nos comentários ao caso XI, é uma criação da minha fantasia, empresa assaz difícil para quem quiser basear-se em provas.

No que diz respeito aos fenômenos da produção materializada de "simulacros inanimados" ou "retratos supranormais", observo que estes tanto podem, a seu turno, serem anímicos quanto espíritas, segundo as circunstâncias. Assim, por exemplo, no caso das magistrais e sugestivas experiências do Dr. Wolfe com o médium Sra. Hollis, nota-se que, quando escasseavam os "fluidos", obtinham-se simulacros materializados chatos do rosto e do busto do defunto presidente dos Estados Unidos, James Buchanan, amigo do Dr. Wolfe; mas, quando os "fluidos" eram abundantes, então o mesmo Buchanan conseguia materializar-se integralmente, mostrando-se capaz de se fazer ver em plena luz, de tomar uma carta que lhe apresentava o Dr. Wolfe, de folheá-la, de lê-la e de responder com relação ao conteúdo da mesma Dr. N. Wolfe: "Startling Facts in modern Spiritualism", (pág. 347). Assim sendo, dever-se-ia deduzir que, nas circunstâncias indicadas, também os simulacros chatos do amigo do Dr. Wolfe eram de origem espírita, isto é, plasmados pelo pensamento e pela vontade do defunto Buchanan, visto que, em circunstâncias propícias, este era capaz de mostrar-se sob a forma de fantasma materializado vivo, inteligente e falante. Ao contrário, no caso das materializações de simulacros chatos obtidos com o médium Eva Carrière, nas experiências da Sra. Bisson e do Prof. Schrenck-Notzing, em que tais simulacros representavam reproduções de caras observadas pelo médium em jornais ilustrados, e no outro caso do médium Linda Gazzera, que, depois de ter contemplado com vivo interesse a cabeça de São João em uma pintura de Rubens, materializou um simulacro da mesma, na sessão seguinte, dever-se-ia inferir que se tratava de simulacros

criados pelo pensamento e pela vontade subscientes dos médiuns.

Isto estabelecido, não me resta senão repetir o que outras vezes já declarei a propósito do valor reciprocamente complementar que assumem as hipóteses do Animismo e do Espiritismo, ambas necessárias para explicar a totalidade das manifestações metapsíquicas, e é de que, se se admite a sobrevivência, não se pode deixar de reconhecer que o homem é um "espírito", ainda que "encarnado", pelo que deveremos esperar que, nas crises de enfraquecimento vital que subjagam es indivíduos (sono fisiológica, sono mediúnico e hipnótico, êxtase, narcose, coma), brotem, por lampejos fugazes, aos recessos da subconsciência, faculdades de sentidos supranormais lá existentes em estado latente (fato este último fora de discussão, porque por todos reconhecido), dando lugar à produção de fenômenos análogos aos espíritas, conquanto quase sempre rudimentares e fugacíssimos (o que os torna facilmente separáveis dos outros), circunstâncias estas todas que demonstrem - note-se bem - que o Animismo é o complemento necessário do Espiritismo e que sem o Animismo ao Espiritismo faltaria base, conclusão esta teoricamente importantíssima, porquanto arrebatada aos adversários da sobrevivência a única argumentação de que se servem sob múltiplas formas contra a hipótese espírita. Entretanto, do ponto de vista da pesquisa das causas, é fato que a existência do Animismo impõe aos investigadores a adoção de métodos de investigação destinados a separar os casos anímicos dos espíritas e conquanto seja verdade o que existem categorias inteiras de manifestações mediúnicas que excluem, de modo absoluto, a hipótese anímica (tais, por exemplo, os casos de xenoglossia

em línguas ignoradas por todos presentes), não é menos verdade que uma parte das mesmas manifestações não é de fácil interpretação, e o único critério de pesquisa utilizável é o de submeter a um exame analítico, esmeradíssimo cada caso isolado, para em seguida pronunciar-se, caso por caso, com ponderado conhecimento de causa, em favor de uma ou outra das causas em ação; e é este o único critério de pesquisa legítimo, de vez que é manifesto não poderem as questões do mediunismo ser resolvidas com o critério oposto das generalizações totalitárias, exclusivamente aplicáveis a dados de fato de alguma sorte homogêneos, o que não impede que determinados opositores pretendam aplicá-los às manifestações metapsíquicas, as quais são por excelência multiformes e heterogêneas, pois que em sua origem existe sempre uma vontade operante, a qual, podendo ser subconsciente ou extrínseca, determina uma diversidade teoricamente radical entre as causas agentes a serem consideradas. Não nos esqueçamos, porém, de que, em última análise, nos achamos em face de uma única Vontade: a do espírito humano, ao qual dado é, algumas vezes, exercer, em ambiente terreno, as próprias faculdades espirituais latentes, tanto na fase "encarnada" como na "desencarnada".

FIM